



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
CURSO DE MÚSICA

**Hino Nacional Brasileiro: trajetória de sua consagração como um dos símbolos da  
República Brasileira**

Uberlândia, novembro de 2023.

ELÍCIO ADRIANO DE PÁDUA

**Hino Nacional Brasileiro: trajetória de sua consagração como um dos símbolos da  
República Brasileira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento à avaliação da disciplina GMU054 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Música, Habilitação em Canto: Bacharelado, da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Silvano Fernandes Baia.

Uberlândia, novembro de 2023.

*Dedico à minha mãe, Maria Helena (in  
memoriam), de quem herdei o gosto pela  
música e a habilidade de cantar.*

## AGRADECIMENTOS

Louvado seja o Criador do Universo, hoje e sempre, pelos dons que me foram abundantemente confiados.

À espiritualidade, com seus Seres e Encantos Sagrados, que me possibilita e auxilia no contínuo burilamento e refinamento desta minha existência.

À música, eterna companheira dos momentos silenciosos e solitários da minha alma, gratidão por trazer força, equilíbrio e dar sentido às coisas.

À minha mãe, Maria Helena, que me deixou muito cedo, mas presenteou-me com uma herança sem igual, a arte de cantar. À senhora, toda a minha gratidão, respeito e saudade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Silvano Baia, um dos responsáveis pela escolha do tema, que em todos os momentos desta jornada mostrou-se sempre pronto a me ajudar, com muita paciência, respeito e sabedoria. Gratidão eterna!

À Dolores Castorino Brandão, responsável pelas bibliotecas da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e da ABM – Academia Brasileira de Música, que mesmo à distância e sem medir esforços, colaborou amplamente durante as minhas pesquisas. O mundo seria muito melhor se existissem mais pessoas como você, Dolores.

À prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lília Neves Gonçalves pela generosa contribuição desde as primeiras aulas de pesquisa, com materiais, dicas e muita paciência.

À minha professora e amiga, Dr.<sup>a</sup> Poliana Alves, pelo constante encorajamento, incentivo e amizade.

Ao Prof. Dr. Flávio Carvalho e demais professores do curso de música, minha eterna gratidão pelos ensinamentos e exemplos de musicalidade e profissionalismo. O curso de música foi um divisor de águas em minha vida.

Aos pianistas Ernane Machado, Thiago de Freitas e Silvana Gasques, que me acompanharam nestes vários anos de estudo. Muito obrigado!

Ao Cícero Marcos, meu companheiro de todas as horas, muito obrigado por me incentivar constantemente a crescer, sempre com muita paciência e dedicação.

Aos amigos Fabiano Lemos, Marcel Martins, Neto Bueno e Luciléia Lemos pela constante contribuição nos momentos de cansaço e dúvidas. Sem vocês eu não chegaria aqui.

Ao Sílvio e à Lícia, irmão e cunhada; ao Miguel, Maria Clara, Olga e Abigail, meus sobrinhos, e todos os demais familiares que sempre vibraram por mim!

Á Úrsula e Luísa, minhas bichanas, por sempre estarem perto e me tranquilizarem com suas presenças.

A todos os meus alunos e alunas, principalmente os do Coral Stella Voices de Estrela do Sul/MG e do Orfeão do Patrimônio, que durante este período foram só estímulo. Gratidão!

A todos que, de forma direta ou indireta, me ajudaram a realizar este trabalho. Que o Senhor do Universo, em sua sabedoria e grandeza, possa ressarcí-los abundantemente.

*“Num país como o Brasil, manter a  
esperança viva é em si um ato revolucionário.”*  
(Paulo Freire)

## RESUMO

O presente trabalho propõe um estudo sobre o Hino Nacional brasileiro, destacando sua trajetória desde a concepção da melodia de Francisco Manuel da Silva, na década de 1830, até sua consagração como um símbolo da República Federativa do Brasil, em 1971. O intuito da pesquisa é buscar um melhor entendimento sobre sua história, mostrando alguns mitos e curiosidades que o cercam. Como parte do desenvolvimento do que se pretende discutir neste trabalho, em primeiro momento aborda-se aspectos da concepção dos hinos nacionais ocidentais, seus significados e origens. Na sequência, explora-se fatos da vida de Francisco Manuel da Silva, o compositor da melodia, situando-o no contexto político e social da época, destacando seus feitos e suas obras. A partir da história do seu compositor, pretende-se esboçar a história do Hino Nacional: sabe-se, por exemplo, que a melodia foi originalmente composta para propósitos diferentes dos atuais, sendo usada inicialmente por ocasião da abdicação de D. Pedro I em 1831 e posteriormente na coroação de Pedro II. Surpreendentemente, mesmo com a queda da monarquia, o hino se manteve e se tornou um símbolo da República. Essa transição do hino de representação do poder monárquico para o poder republicano é uma questão intrigante e, embora haja especulações e lacunas na história, o estudo pretende reunir elementos que possam ajudar a entender melhor esse processo. Entende-se que um símbolo nacional deve ser capaz de expressar os sentimentos do povo e criar um vínculo entre “esse povo”, essa nação. Diante disso, perdurando ao longo dos anos e das várias ações da história, manteve sua importância como um emblema patriótico que transcendeu, inclusive, à complexidade de sua melodia e letra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hino Nacional; Francisco Manuel da Silva; História da Música Brasileira; Símbolo Nacional; Identidade Nacional.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Publicação mais antiga do Hino Nacional holandês " Wilhelmus " com melodia, em "Nederlandsche Gedenck-Clanck" de Adrianus Valerius, 1626.....	13
Figura 2 - <i>Eugène Pottier</i> e <i>P. C. Degeyter</i> , autores do <i>L'Internationale</i> .....	21
Figura 3 - Francisco Manuel da Silva, por Luís Aleixo Boulanger. ....	24
Figura 4 - Museu Nacional, onde funcionou o Conservatório de Música de 1848 a 1854, no Campo da Aclamação, atual Praça da República. ....	29
Figura 5 - Modelos de condecoração e de broches oferecidos aos condecorados pela Imperial Ordem da Rosa. ....	30
Figura 6 - Selo Comemorativo dos 150 anos de nascimento de Francisco Manuel da Silva... 34	
Figura 7 - Medalha Comemorativa dos 200 anos de nascimento de Francisco Manuel da Silva. ....	34
Figura 8 - Capa e Dedicatória do livro "Artinha" de Francisco Manuel da Silva.....	37
Figura 9 - Aclamação de D. Pedro II no Rio de Janeiro no dia 7 de Abril de 1831. ....	41
Figura 10 - Recorte do Jornal "O CONSTITUCIONAL" que apresentou a letra de Machado de Assis. ....	45
Figura 11 – Partitura do hino de Ernesto de Souza . ....	48
Figura 12 - Recorte do jornal <i>O Paiz</i> , de 04 de janeiro de 1890. ....	51
Figura 13 - recorte do Jornal do Commercio de 17 de janeiro de 1890. ....	51
Figura 14 - Partitura oficial do Hino Nacional com brasão da república. ....	57
Figura 15 – Manuscrito da Letra do Hino Nacional – Osório Duque Estrada.....	58
Figura 16 - Trecho da Lição nº 5 - Pe. José Maurício.....	65
Figura 17 - Trecho da Introdução do Barbeiro de Sevilha - Giacomo Rossini.....	66
Figura 18 - Pequeno trecho das Matinas de Nossa Senhora da Conceição – 7º responsório... 66	
Figura 19 - Início da parte cantada do Hino Nacional .....	67
Figura 20 - Partitura de Don Sanche – Liszt .....	67
Figura 21 - Introdução do Hino Nacional Brasileiro.....	68
Figura 22 - Partitura do Glória da Missa Breve de Marcos Portugal.....	68



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Letra atual do hino britânico "God save the King."- "Deus Salve o Rei!".....	16
Quadro 2 - Primeira estrofe do hino alemão escrito por Hoffmann von Fallersleben. ....	18
Quadro 3 - Terceira estrofe do hino alemão escrito por Hoffmann von Fallersleben.....	19
Quadro 4 - Letra do Horst-Wessel-Lied.....	20
Quadro 5 - Lista dos patronos que ocupam as 20 primeiras cadeiras da ABM. ....	28
Quadro 6 - Lista de composições encontradas no IMSLP - em ordem alfabética. ....	37
Quadro 7 - Letra completa da 1ª versão do Hino 7 de abril .....	42
Quadro 8 - Segunda letra do Hino ao 7 de abril, reescrita por Ovídio de Saraiva. ....	43
Quadro 9 - Letra: Hino da Coroação (Marcha Triunfal) .....	44
Quadro 10 - letra escrita por Machado de Assis. ....	46
Quadro 11 - Letra do Hino à Proclamação da República.....	52
Quadro 12 - Letra oficial e atual do Hino Nacional brasileiro.....	59
Quadro 13 - Significados de palavras da letra do Hino Nacional: .....	72

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	<b>10</b>
<b>1 ESTADOS E HINOS</b> -----	<b>12</b>
<b>2 FRANCISCO MANUEL DA SILVA E SEU TEMPO</b> -----	<b>24</b>
2.1 Biografia-----	24
2.2 Obras-----	35
<b>3 HISTÓRIA DO HINO NACIONAL</b> -----	<b>39</b>
<b>4 CURIOSIDADES SOBRE O HINO NACIONAL BRASILEIRO</b> -----	<b>65</b>
4.1 Sobre a música-----	65
4.2 Sobre a letra-----	70
4.3 Fantasia de Gottschalk-----	72
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	<b>76</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa é apresentar um estudo historiográfico sobre o Hino Nacional brasileiro, tendo como foco a trajetória pela qual passou a melodia composta por Francisco Manuel da Silva, desde a sua concepção, na década de 1830, até a sua consagração como um dos símbolos da República Federativa do Brasil, que se deu conforme redação da lei 5.700, de 1º de setembro de 1971.

É importante ressaltar que até esta altura, nunca havia pensado em Francisco Manuel da Silva além de compositor do Hino Nacional brasileiro, e que tal melodia fora composta para uma função distinta da qual conhecemos atualmente. Juntamente a essa ideia, pensava que sua letra atual fora escrita concomitantemente à composição da melodia. Porém, ao contrário a esse ingênuo pensamento, constatou-se que existe uma vasta história desde a sua composição até o seu uso como hino nacional. A partir dessa descoberta, comecei a descortinar os véus do desconhecimento sobre esse símbolo e descobri que a melodia fora utilizada para outras duas finalidades, em ocasiões distintas, primeiro por ocasião da abdicação de D. Pedro I, executado em 7 de abril de 1831, depois como o hino da coroação de Pedro II; descobri também que, mesmo com a queda da monarquia, este hino se manteve vivo e caiu no gosto do povo brasileiro passando a ser símbolo também da República, e ainda hoje, com uma geração tão distante do momento de sua composição, é abraçado e acolhido como um símbolo patriótico que envolve e fomenta o sentimento de pertencimento nacional.

A partir disso, surgiu a necessidade de saber em que momento foi composta esta melodia e para qual finalidade, bem como saber mais sobre quem foi o seu compositor, Francisco Manuel da Silva, situando-o no cenário político e social do momento em que o hino foi concebido. É importante ressaltar que, apesar de a música ter se “popularizado” devido às suas constantes execuções, trata-se de uma obra originariamente do campo erudito, composta por um músico formado e com trânsito nesse campo.

Com uma história que já conta com mais de 180 anos, marcada por muitos contrastes, que, após tantas elucubrações, tornou-se impossível não questionar: que símbolo é esse, tão explorado e tão pouco conhecido? Criticar historicamente sua origem e suas transformações é tão necessário quanto saber sua letra e sua melodia. Pretende-se, assim, nas próximas páginas, trazer à baila, dentro do possível, um pouco da história que ficou escondida com o passar dos anos.

Para esta pesquisa, foram pesquisados livros, artigos acadêmicos, sites e documentos que envolviam o assunto, o que aconteceu em acervos particulares, visitas à biblioteca da

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), à Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, e também o contato direto com a biblioteca da Academia Brasileira de Música e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O trabalho foi dividido em três partes: na primeira, apresento a concepção de hino, citando alguns dos mais antigos ao redor do mundo, focando, principalmente, no sentido que cada um deles tem, procurando, dessa forma, referendar o que eles representam para as nações das quais são símbolos. No segundo momento, discorro sobre Francisco Manuel da Silva, o compositor da melodia do Hino Nacional brasileiro que perpassou por várias etapas da história do país. Francisco Manuel ficou conhecido por ser o compositor desse Hino, mas sua história é repleta de lutas e conquistas para o cenário musical brasileiro. O terceiro capítulo discuto a história do Hino Nacional, na qual apresento o caminho que vai desde a saída de Pedro I, passando pela coroação de Pedro II, a transição do Império para República até chegar ao que conhecemos hoje. E para finalizar, apresento algumas curiosidades sobre a sua melodia e letra.

## 1 ESTADOS E HINOS

O hino nacional é um dos mais importantes símbolos da identidade de uma nação. Ele não é apenas a música e a letra que o compõe, mas também a junção de valores, de história e da cultura de um país. Ele é concebido para ser a expressão do amor e do respeito que um povo teria por sua pátria, podendo unir os cidadãos em torno de um sentimento de pertencimento e patriotismo, além de possibilitar a demonstração do orgulho de se fazer parte de uma nação.

A ideia de hino nacional que conhecemos atualmente é o resultado de um longo processo de modificação de sua construção e importância histórica. Até o final do século XIX, os hinos tinham suas letras modificadas constantemente de acordo com os acontecimentos importantes de um país, como a morte de um monarca, uma guerra vitoriosa ou quaisquer outros fatos diretamente ligados ao seu governante. Essa constância na atualização dos hinos demonstra como a história nacional se confundia com a vida do soberano daquele país. A partir das mudanças nos sistemas políticos, o rei deixou de ser o representante maior de toda a comunidade nacional e assim, os hinos passaram a ser elementos simbólicos de extrema importância dentro do processo de construção de identidade de uma nação. Os hinos tornam-se, então, canções que têm como função não só representar o país, mas, principalmente, suscitar o sentimento patriótico de orgulho e pertencimento a uma mesma nação.

O hino mais antigo do mundo de que se tem conhecimento e registro e está em uso até hoje é o *Wilhelmus*, da Holanda, composto entre 1568 e 1572, em homenagem a Willem van Oranje<sup>1</sup>, um mártir da revolta holandesa contra o domínio espanhol, conhecida como a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), a guerra de independência travada entre os Países Baixos e a Espanha. William (Guilherme), era considerado um defensor da liberdade religiosa e uma figura de importância igual ao Rei Felipe II, da Espanha. É considerado o fundador da nação holandesa e o Hino Nacional, *Wilhelmus*, foi uma canção popular da época escrita em seu apoio. Na Figura 1, logo abaixo, temos a publicação mais antiga do Hino Nacional holandês com melodia.

---

<sup>1</sup> Guilherme I de Orange-Nassau (Willem van Oranje) (1533–1584), foi Príncipe de Orange, Conde de Nassau (Guilherme IX de Nassau), líder da casa de Orange-Nassau e o grande impulsionador do movimento de independência dos Países Baixos. Após um período como regente das províncias da Holanda, Zelândia, Utrecht e Borgonha, ao serviço da casa de Habsburgo, deu início à revolta que marcou o princípio da guerra dos oitenta anos, sendo declarado como fora-da-lei por Filipe II de Espanha em 1567. Guilherme não assistiu ao sucesso da sua causa, que chegou apenas em 1648 com o fim do poderio espanhol na região, pois foi assassinado em 1584. (Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme\\_I,\\_Pr%C3%ADncipe\\_de\\_Orange](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme_I,_Pr%C3%ADncipe_de_Orange)).

Figura 1 - Publicação mais antiga do Hino Nacional holandês "Wilhelmus"<sup>2</sup> com melodia, em "Nederlandsche Gedenck-Clanck" de Adrianus Valerius, 1626.

**NEDERLANDTSCHE**

46

Wilhelmus van Nassouwe, Ben ick van duytsche bloet, Een Prince van Oranjen Ben ick  
 Het Vaderlant getrouwe, Blijfsick tot 't laets behoet,

vry on-verveest, Den Coninck van Hispanjen Ick altyt hebbe ge-eert,

In Godes vrees te leven  
 Heb ick altyt getracht;  
 Daerom ben ick verdrevent,  
 Van Lant en goet gebracht,  
 Maer God sal my regeeren,  
 Als een goet instrument,  
 Dat ick sal wederkeeren,  
 Noch in mijn regiment.

Lyf u myn onderzaten,  
 Die oprecht syt van aerd,  
 God sal u niet verlaten,  
 Al syt ghy nu beswaert,  
 Die vroom begeert te leven,  
 Die bidde nacht en dag,  
 Dat God my kraech wil geven,  
 Dat ick u helpen mach.

Lyf, goet, en al te samen  
 Heb ick u niet verfoont,  
 Myn broeders hoog van namen,  
 Die hebben't oock becoont.  
 Graef Adulf is gebleven  
 Te Vriclant inden slag,  
 Syn siel, in 'eeuwig leven,  
 Verwacht den jongsten dag.

Een edel Prins geboren  
 Van Keyserlick gellacht,  
 Een Vorst des rijcs verkooren  
 Ick altyt ben geacht,  
 Voor Godes woord en leera  
 Heb ick vry overbragt,  
 Gelyck een heid met eere  
 Myn edel bloet gewagt.

Mijn schilt en myn betrouwen  
 Zyt ghy (o God myn Heer!)  
 Op u loo wil ick bouwen;  
 Verlaet my oesimmermeer:  
 Op dat ick vroom mach blyven,  
 V Dienaer raller ryt,  
 De tyronny verwerpen,  
 Die menigh hert doersnyt.

Voor al die my beswaren  
 En myn vervolgers sijn,  
 Wil my (o God!) bewaeren  
 In desen droevenschyen.  
 Dat sy my niet verdrichen  
 In haren booven moet,  
 Heer handen niet en wasschen,  
 In myn onschuldig bloet.

Als David moete vluchten  
 Voor Saül den tyran  
 Soo heb ick moeten fuchten  
 Met menig Edelman  
 Maer God heeft hem verheven,  
 Verlost uyt aller noot,  
 Een Coninckryck gegeven  
 In Israël seer groot.

Nae 't suet sal ick ontfangen  
 Van God den Heer oock 'sfeet.  
 Waer kan meer na verlangen  
 Myn Voorheick gemaet,  
 Dan dat ick hier mach sierven  
 Met eeren in het veld,  
 En 'eeuwig ryck beerven,  
 Als een getrouwen heid.

Niet doet my meer erbarmen  
 In mijn swaer onngeval  
 Dan datmen siet verarmen  
 Des Coninck Landen al.  
 Dat u de Spijnjaerts kenncken  
 O edel Nederland!  
 Als ick dat gae bedencken,  
 Myn edel haete brant.

**GEDENCK-CLANCK.**

47

Als een Prins opgefaren  
 Blyf ick met myn heyrkracht.  
 Vanden tyran vermeren,  
 Heb ick den slag veracht,  
 Die by Maericht begraven  
 Zeer vreedt myn gewelt,  
 Myn wapens sachmen draven  
 Zeer moedig door het velt.

Soo het de wil des Heeren  
 Had op die tydt gewoek  
 Ick had wel willen keeren  
 Van u dit swaer tempoek;  
 Maer d'Heere van hier boven  
 Die alle ding regeert,  
 En die elck een moet loven,  
 En heeft het niet begeert.

Seer Christlick was gedreven  
 Myn Princelyck gemoet.  
 Stantswyllich is gebleven  
 Myn hert in tegenpoet.  
 Den Heer heb ick gebeden  
 W mynaes heren groot  
 Dat hy myn saeck en reden,  
 Wvoere r'alles stont.

Oorlof mijn arme schapen,  
 Die zyt in grooten noot,  
 V Herder sal niet slapen,  
 Al liddt ghy veel senloot,  
 Tot God wils u begeven,  
 Syn heylsard woud neemt af,  
 En een vroom Christen leven,  
 Want 'tis hier haet godsard.

Voor God wil ick belijden  
 En voor zija grootte macht,  
 Dat ick tot goemen tijden  
 Den Coning heb veracht;

Dan dat ick Godes eere  
 Moet voorstern alderseef,  
 Ghehoofsemyden Heere  
 Bevyfen moete meef.

Wannere

Fonte: Wikimedia Commons

<sup>2</sup> Wilhelmus conta sobre a vida e o porquê de *Willem van Oranje* estar combatendo Filipe II, rei da Espanha. Escrito na primeira pessoa, como se estivesse citando a si mesmo, Guilherme fala aos holandeses tanto sobre a revolta quanto sobre sua própria luta pessoal: ser fiel ao rei, sem ser infiel à sua consciência; servir a Deus e aos holandeses. A letra do hino é um acróstico, composto por 15 estrofes, formando, as primeiras letras de cada estrofe, o nome "Willem van Nassov". Cada estrofe tem 8 linhas e é escrita em forma de poema. Existem algumas dúvidas sobre a autoria do texto: em uma das vertentes, acredita-se que o autor seja Philips of Marnix (1540-1598), escritor, estadista e ex-prefeito de Antuérpia; noutra, dizem que foi Dirck Coornhert (1522-1590), escritor, filósofo, tradutor, político, teólogo e artista holandês. No entanto, isso é contestado, pois nem Marnix nem Coornhert jamais mencionaram que haviam escrito a letra. Por isso, alguns acreditam que a letra do hino nacional holandês foi criação de alguém que apenas escreveu um poema para a ocasião e depois desapareceu da história. A melodia de "Wilhelmus" foi emprestada de uma conhecida canção católica francesa intitulada "*Autre chanson de la ville de Chartres assiégée par le prince de Condé*", ou abreviadamente: "Chartres". No entanto, o conteúdo triunfante de "Wilhelmus" se difere muito do conteúdo da música original, pois tornou-se subversiva em vários níveis. Era comum no século XVI grupos em guerra se apropriarem das canções de outros para reescrevê-las. Embora a melodia seja de 1568, a primeira versão escrita conhecida dela vem de 1574; na época, o hino era cantado em um ritmo muito mais rápido. O compositor holandês Adriaen Valerius, em 1626, registrou em partitura a melodia atual de "Wilhelmus" em seu *Nederlandsche Gedenck-clanck* (Figura 1), diminuindo o ritmo da melodia, provavelmente para permitir que ela fosse cantada nas igrejas. (Link: <https://www.britannica.com/topic/Wilhelmus-van-Nassouwe>).

O Wilhelmus era cantado pelos soldados que apoiavam o Príncipe de Orange não só na Holanda, mas em todas as expedições e territórios conquistados ou ainda em conquista, como acontecera diversas vezes no Brasil.

A Holanda teve um projeto de ocupação do Nordeste brasileiro pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais durante o século XVII. As invasões foram consideradas o maior conflito político-militar da colônia. Em 1639, sob a administração de Maurício de Nassau, a Holanda intentava uma expedição de invasão a Olinda e Recife, em Pernambuco. Conforme relata Gaspar Barléu (1584-1648) no livro *O Brasil Holandês sob o conde Maurício de Nassau*, o Wilhelmus - hino em louvor do Príncipe Guilherme de Orange, fora entoado em terras brasileiras naquele ano. Assim ele nos conta:

Entretanto, como ao declinar do dia e fechadas todas as portas, recusasse o capitão da praça receber o tambor naquela mesma tarde, Koin, conduzindo toda a soldadesca para o morro, arremeteu, novamente alentado, contra os sitiados, detonando os morteiros, cujas balas foram inutilmente disparadas e inóxias. Mandou-se a todos os trombeteiros presentes que entoassem nas suas trombetas o hino em louvor do Príncipe Guilherme de Orange, de bom agoiro e familiar aos cidadãos das Províncias-Unidas. Com ele o soldado, às vezes descoroçoado e remisso, se inflama em mais vivo ardor guerreiro. No dia seguinte continuou o furor da artilharia a danificar o forte, pois aí se achavam os inimigos (BARLÉU, 2005, p. 79).

Pelo que se pode observar, existem vários relatos de execução do hino holandês em terras brasileiras, pois era uma forma de estimular os soldados holandeses durante as batalhas de conquista, como fora na ocasião relatada acima. Contudo, existe uma outra ocasião, talvez a última em que o Wilhelmus fora tocado em terras brasileiras. Dessa vez, durante a despedida do Conde Maurício de Nassau em 1644, quando do seu retorno definitivo para a Holanda. Assim nos conta, Pieter Marinus Netscher<sup>3</sup> (1824-1903) no seu livro *Os Holandeses no Brasil*<sup>4</sup>:

Tendo dêste<sup>5</sup> modo procurado garantir da melhor forma<sup>6</sup> o futuro da colônia, João Maurício saiu a 11 de Maio de Mauritsstad<sup>7</sup> e, a cavalo, tomou o caminho de Olinda, seguido de numeroso cortejo. Pelo litoral passou por

<sup>3</sup> Pieter Marinus Netscher (1824-1903) foi um militar e historiador holandês.

<sup>4</sup> O título completo do livro é: *Os Holandeses no Brasil* - notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII. Escrito por Netscher em 1853 e traduzido por Mário Sette em 1942.

<sup>5</sup> Optou-se por manter a grafia original do português da época da publicação.

<sup>6</sup> *Idem*.

<sup>7</sup> Cidade Maurícia ou Mauriciópolis, em holandês, Mauritsstad, foi uma parte da cidade do Recife durante o período do Brasil holandês. Maurícia foi construída a partir de 1638 na Ilha de Antônio Vaz pelo conde João Maurício de Nassau-Siegen, à época governador colonial de Pernambuco. A designação "Cidade Maurícia" persistiu até 1654, ano da expulsão dos holandeses pelos luso-brasileiros. (Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_Maur%C3%ADcia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Maur%C3%ADcia)).

Olinda, Itamaracá, atingindo a Paraíba onde deveria embarcar. Por toda parte recebeu expressivas homenagens que significavam estima, reconhecimento e saudades. Sua viagem tomava o aspecto de uma marcha triunfal. As populações dos lugares por onde ia passando formavam alas para dizer-lhe adeus. Essas aclamações eram acompanhadas pelas bandas de música que tocavam a ária nacional *Wilhelmus van Nassauwen* e de salvas de canhões a lhe prestarem as últimas honras militares (NETSCHER, 1942. p. 214).

Embora o Hino holandês tenha sido cantado em cerimônias patrióticas oficiais desde o século XVI, *Wilhelmus* só foi oficializado como o Hino Nacional da Holanda em 1932. Por conta disso, o hino que leva a fama de precursor é o *God save the Queen/King* (Deus salve a Rainha/Rei), do Reino Unido. Isso não significa que ele tenha sido criado e oficializado antes de *Wilhelmus*, mas, como a Coroa britânica desde 1744 sempre o usou em eventos patrióticos, considera-se o seu hino oficial.

Não se sabe, exatamente, a origem da canção, o que dificulta muito saber quem era o rei ou a rainha que o *God save the Queen/King* originalmente homenageava. Embora o hino tenha sido publicado pela primeira vez em 1744, há evidências variadas que indicam uma data mais antiga para sua composição.

No *The Oxford Companion to Music*, o professor Percy Scholes (1938), dedica cerca de quatro páginas ao *God save the King/Queen*. Nesse trabalho, ele aponta as semelhanças com o início de uma melodia de cantochão, embora o ritmo seja muito parecido com o de uma galharda<sup>8</sup>, e dá exemplos de várias músicas de dança que têm semelhanças com o hino. Scholes cita, ainda, uma partitura do compositor John Bull<sup>9</sup> (1562-1628), que, dependendo da colocação de acidentes que na época não eram escritos em certos casos e deixados ao critério do tocador, tem algumas semelhanças com a música moderna do hino. Percy aponta, também, semelhanças encontradas em várias peças do compositor inglês Henry Purcell e até do compositor alemão Georg Friedrich Händel, radicado na Grã-Bretanha. Não obstante, alguns estudiosos e comentaristas do século XIX mencionam a crença generalizada de que uma velha canção escocesa, *Remember o thou man* foi a fonte da música. Outra teoria cogitada, mas descartada por Scholes, é que a melodia do hino fora criada por Henry Carey, um compositor inglês, em 1740; a música teria sido escrita para uma peça teatral intitulada *The tragedy of Marmion*, tornando-se muito popular e, assim, usada em várias ocasiões, inclusive na celebração do aniversário do rei George II em 1745.

---

<sup>8</sup> Galharda é uma dança renascentista de compasso ternário, com andamento vigoroso e vários passos e saltos.

<sup>9</sup> JOHN BULL (COMPOSITOR). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. (Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=John\\_Bull\\_\(compositor\)&oldid=66102966](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=John_Bull_(compositor)&oldid=66102966)).



A primeira versão publicada do que é quase a melodia atual do *God save the King/Queen* apareceu em 1744 no *Thesaurus Musicus*<sup>10</sup>, que se popularizou na Inglaterra em 1745. Acredita-se que o primeiro homenageado foi o rei George II, o monarca na época da primeira execução para a realeza, que aconteceu em setembro de 1745, quando a orquestra do Teatro Real tentou dar um apoio moral às tropas da Coroa, derrotadas numa importante batalha<sup>11</sup> contra a invasão da Inglaterra, pelo pretendente ao trono, Charles Edward Stuart. Desde então a letra é cantada, tornando-se Hino Nacional por volta de 1780. A canção ganhou popularidade durante o reinado da rainha Vitória, no século XIX, e se tornou o Hino Nacional oficial da Inglaterra em 1931. Desde então, tem sido uma parte importante da cultura e tradição inglesa, sendo cantada em eventos importantes, como a abertura do Parlamento, cerimônias de premiação e eventos esportivos. A letra do hino mudou ao longo do tempo para se adequar aos diferentes monarcas, e a versão atual é a seguinte, disposta no Quadro 1:

Quadro 1 - Letra atual do hino britânico "God save the King."- "Deus Salve o Rei!".

I God save our gracious King, Long live our noble King, God save the King: Send him victorious, Happy and glorious, Long to reign over us: God save the King.	II O Lord our God arise, Scatter his enemies, And make them fall: Confound their politics, Frustrate their knavish tricks, On Thee our hopes we fix: God save us all.	III Thy choicest gifts in store, On him be pleased to pour; Long may he reign: May he defend our laws, And ever give us cause With heart and voice to sing, God save the King!
I Deus salve nosso gracioso Rei, Vida longa ao nosso nobre Rei, Deus salve o Rei: Faça-o vitorioso, Feliz e glorioso, Por muito tempo para reinar sobre nós: Deus salve o Rei.	II Ó Senhor, nosso Deus, levanta-te, Disperse seus inimigos, E faça-os ruir: Confunda suas políticas, Frustrate seus truques pífidos, Em ti confiamos nossas esperanças: Deus salve a todos nós.	III Tuas dádivas supremas, Sobre ele derrame em abundância; Longo seja seu reinado: Que ele possa defender nossas leis, E sempre nos dar motivo, para cantar com coração e voz, Deus salve o Rei!

Fonte: Wikipédia.

Como já fora dito, os hinos nacionais são canções que pretendem representar a identidade e a história de um povo. A maioria dos hinos inclui letras que falam sobre a história, a cultura, a natureza e os valores do país. Além dos hinos holandês e britânico, que disputam a honra de serem os mais antigos do mundo ainda sendo executados, não poderia deixar de falar sobre o hino francês, *La Marseillaise*, que além de sua melodia marcante e sua

<sup>10</sup> *Thesaurus Musicus* é uma coleção de canções de duas, três e quatro partes, várias delas nunca antes impressas, às quais são adicionados alguns diálogos escolhidos.

<sup>11</sup> Batalha de Prestonpans (sudeste de Edimburgo, Escócia) na qual o exército jacobita, liderado pelo príncipe Charles Edward Stuart alcançou uma vitória surpreendente e inesperadamente unilateral sobre as forças do governo de Jorge II, lideradas por Sir John Cope. Foi a primeira derrota decisiva do exército do governo e que levaria o exército jacobita para a Inglaterra. Ficou conhecida como a Rebelião Jacobita de 1745. (Link: <https://www.frasersridgebr.com.br/2021/09/batalha-de-prestonpans-21-de-setembro.html>).

representatividade política, tem uma ligação importante e curiosa com o processo de transição da Monarquia para República aqui no Brasil.

Segundo nos conta José Murilo de Carvalho (1990), a Marselhesa foi escrita em 1792 por *Claude Joseph Rouget de Lisle*, durante a Revolução Francesa. A letra fala sobre a defesa da liberdade e da pátria, e a música foi adotada como Hino Nacional da França em 1795. A canção foi composta para ser o "canto de guerra para o exército do Reno", mas difundiu-se rapidamente, ainda antes da proclamação da república francesa, competindo com outras canções populares e patrióticas, sendo a principal canção dos federados marseheses, que ao partirem para Paris e ajudarem na deposição da monarquia e proclamação da república, cada um deles levava um exemplar da canção. Por isso o nome Marselhesa. Além disso, por ter uma posição guerreira por excelência, foi levada aos campos de batalha, despertando entusiasmo sempre que era executada. Sua história é bastante conturbada, pois estava sempre à vista, por seu caráter libertário, e se movimentava ao sabor das reviravoltas políticas. Até se consagrar como Hino Nacional francês em 1879, a Marselhesa teve uma carreira bem atribulada (CARVALHO, 1990, p. 123).

Além da história interna na França, até o final do século XIX a Marselhesa era tanto o hino francês como o hino dos revolucionários de todos os países que buscavam se livrar de suas monarquias, inclusive os do Brasil, que não tinham um hino próprio e por isso a usavam cantando-a em todas as manifestações, segundo Carvalho (1990),

a data do 14 de julho era, aliás, uma dor de cabeça para o representante francês, pois os republicanos dela se aproveitavam para cantar livremente o hino libertário e combater a Monarquia. O diplomata ficava no dilema de fazer a festa e arriscar um conflito com o governo, ou não a fazer e desagradar a seus compatriotas (ALBUQUERQUE, 1942, p. 90 *apud* CARVALHO, 1990, p. 122).

Conforme nos contou Carvalho (1990), o hino francês fez parte da história de nossa transição política e não pode deixar de ser citado, pois com sua melodia harmoniosa e emocionante, tornou-se um dos hinos nacionais mais reconhecíveis e icônicos do mundo.

Além dos hinos mencionados acima, dos quais já contamos um pouco da história e suas particularidades, faz-se necessário citar alguns outros que se tornaram conhecidos mundialmente, seja pela sua melodia, sua letra ou sua representatividade em momentos importantes da história.

O Hino Nacional da Alemanha é conhecido como *Das Lied der Deutschen* (A Canção dos Alemães) ou simplesmente *Deutschlandlied* (Canção da Alemanha). Sua história

remonta ao século XIX, durante um período em que a Alemanha era composta por diversos estados independentes.

A letra do hino foi escrita por *August Heinrich Hoffmann von Fallersleben*, em 1841. Na época, a Alemanha era uma confederação fragmentada em mais de vinte pequenas monarquias e cidades-estados e em contrapartida, *Hoffmann von Fallersleben* era republicano e um fervoroso partidário da unificação alemã. A melodia original foi composta por Joseph Haydn, em 1797, para uma peça dedicada ao Imperador Francisco II, do Sacro Império Romano-Germânico, o quarteto de cordas Op. 76, nº 3, conhecido como *Kaiserquartett* (*Emperor Quartet*, em inglês).

Fallersleben era considerado politicamente subversivo e, mesmo após a unificação da Alemanha, a letra escrita por ele ainda era ignorada e usada apenas informalmente como o Hino Nacional. Em 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial, houve a sucessão do Império Alemão pela República de Weimar e, em 1922, decidem elevar, formalmente, o *Deutschlandlied* à condição de Hino Nacional.

A primeira estrofe da letra, mostrada no Quadro 2, começa com as palavras *Deutschland, Deutschland über alles* (Alemanha, Alemanha acima de tudo). É importante destacar, nesse momento, que o contexto original dessa frase era o desejo de uma Alemanha unificada, onde os valores e ideais alemães estariam acima dos interesses locais e regionais.

Quadro 2 - Primeira estrofe do hino alemão escrito por Hoffmann von Fallersleben.

<p>Deutschland, Deutschland über alles, über alles in der Welt, Wenn es stets zu Schutz und Trutze brüderlich zusammen hält, Von der Maas bis an die Memel, von der Etsch bis an den [Little] Belt, Deutschland, Deutschland über alles, über alles no Welt!</p>	<p>A Alemanha, a Alemanha acima de tudo, acima de tudo no mundo, Quando se mantém firmemente unida, ofensiva e defensivamente, com fraternidade. Do Maas ao Memel, do Etsch ao [Little] Belt, Alemanha, Alemanha acima de tudo, acima de tudo no mundo.</p>
--	---

Fonte: Enciclopédia Britânica.

Contudo, durante o Terceiro *Reich* (1933-1945), essa primeira estrofe era usada como Hino Nacional, sempre seguida de *Horst-Wessel-Lied* - o hino do Partido Nacional Socialista, que hoje é proibido na Alemanha. Sobre este assunto, nos confirma Campbel (2023) da Enciclopédia Britânica:

Foi mantido como o hino da Alemanha nazista, junto com o hino do partido, a Canção de Horst Wessel. No entanto, durante a era nazista, essas letras assumiram conotações infelizes. O que foi originalmente planejado em 1848

como um apelo para colocar o conceito de uma nação unificada acima das diferenças regionais – com fronteiras geográficas marcando a extensão em os colonizadores alemães se espalharam culturalmente – foi reinterpretado como uma justificativa para o expansionismo alemão e mal interpretado por alguns como uma reivindicação à hegemonia mundial alemã. Por esse motivo, foi banido por um tempo após a Segunda Guerra Mundial, mas foi restaurado em 1951 pela Alemanha Ocidental, usando oficialmente apenas o terceiro verso (CAMPBELL, Heather. BRITANNICA, Os Editores da Enciclopédia, 2023).

Com o fim da Segunda Guerra houve a partilha da Alemanha, assim, a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) adotou *aus Ruinen* (Reerguidos das ruínas) como Hino Nacional, enquanto a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) não teve, de imediato, um Hino Nacional. Finalmente, em 1952, o *Deutschlandlied* foi reconhecido como Hino Nacional da Alemanha Ocidental. Estabeleceu-se, naquele momento, que nas solenidades oficiais, cantar-se-ia apenas a terceira estrofe (ver Quadro 3), pois a primeira, que dizia: “Alemanha, Alemanha acima de tudo, acima de tudo no mundo” deveria ser evitada por remeter à crença na superioridade germânica, que era algo imperdoável em pleno período de desnazificação.

Quadro 3 - Terceira estrofe do hino alemão escrito por Hoffmann von Fallersleben.

<p>Einigkeit und Recht und Freiheit für das deutsche Vaterland! Danach ulst uns alle streben brüderlich mit Herz und Hand! Einigkeit und Recht und Freiheit sind des Glückes Unterpfand. Blüh im Glanze dieses Glückes, blühe deutsches Vaterland!</p>	<p>Unidade e direitos e liberdade para a pátria alemã. Lutemos por isso juntos, fraternalmente de coração e mão. Unidade, direitos e liberdade são a base da boa sorte. Floresça à luz dessa boa fortuna, floresça a pátria alemã.</p>
--	--

Fonte: Enciclopédia Britânica.

Assim, a terceira estrofe da "Canção dos Alemães", escrita por *Hoffmann von Fallersleben*, com a melodia de Joseph Haydn, é o Hino Nacional do Povo Alemão.

Observando o fato de o hino alemão ter sua história envolta em movimentos políticos, assim como a Marselhesa recém mencionada, podemos dizer que os tais “hinos políticos”, por sua vez, constituem-se em rituais de afirmação coletiva, o que proporciona a identificação do ouvinte com a música, implicando na existência de alguma significação para que essa troca de ideais seja efetiva. Nesse sentido, canções podem tornar-se hinos, mesmo que não tenham sido compostas para este fim. Assim nos afirma Sílvia Sônia Simões (2010) no seu artigo “Quando o passado legitima o presente: a música no III *Reich*”:

Os hinos nacionais têm o papel de representar a Nação, mas o povo se reconhece, por vezes, com músicas que se tornam verdadeiros cânticos de louvor por meio do conteúdo de suas melodias e poemas, que vão ao encontro de anseios e momentos de importante significação social para as pessoas às quais essa música está dirigida (SIMÕES, 2010, p. 13).

Os hinos demonstram a forma como o poder se autorrepresenta diante dos governados e estabelece com eles uma relação imaginária de comunhão e identificação com as lutas, tanto as do passado quanto as do presente. Nesse intuito, o Nacional Socialismo executava tais músicas em solenidades públicas como forma de se ‘infiltrar’ na mente das pessoas, pois, assim, comunicava suas propostas e maximizava os valores de seu programa.

Segundo Simões (2010), o exemplo mais representativo de canção, que se transformou em hino é o chamado Cântico de Horst Wessel (Horst-Wessel-Lied), que se tornou, depois de 1933, o hino oficial do Partido Nazista ao lado do hino oficial da Alemanha. Horst Wessel era um dos chefes de companhia das SA em Berlim, que lutou para combater o movimento comunista em 1919. Wessel morreu num embate com os comunistas em fevereiro de 1930 e logo após sua morte já foi elevado à condição de herói. Seu poema, apresentado no Quadro 4, que já proporcionava um forte sentimento de coesão aos que se identificavam com os valores da doutrina nazista, após um artigo escrito por Goebbels sobre sua vida e seu heroísmo na luta contra o comunismo, em 1930, elevou Wessel à categoria de um mártir que teria, segundo os nazistas, sacrificado a sua vida em prol da sua Pátria. O poema foi ajustado a uma canção folclórica antiga, o que possibilitou a identificação dos alemães com seu passado, por meio da retomada de uma melodia ancestral e, ao mesmo tempo, reativava as novas necessidades do presente contemporâneo.

Quadro 4 - Letra do Horst-Wessel-Lied.

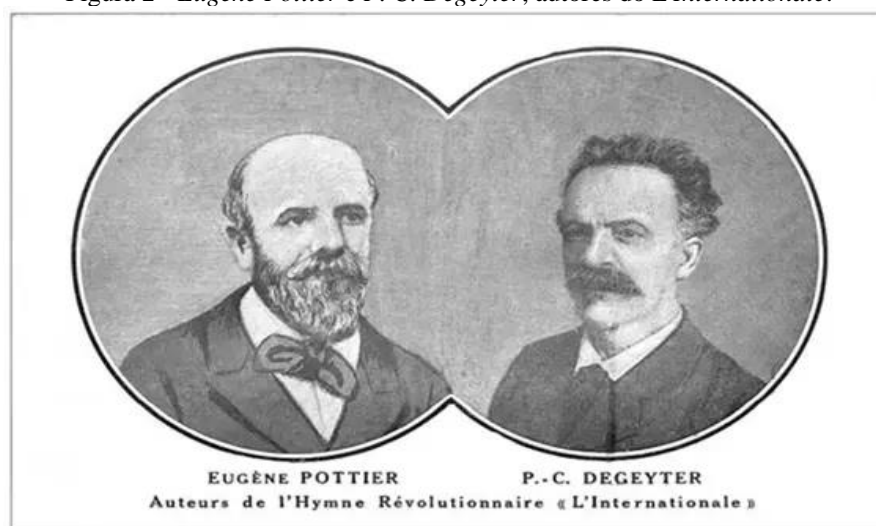
<p>Die Fahne hoch! Die Reihen fest geschlossen!  SA marschier't mit ruhig festem Schritt.  Kam'raden, die Rotfront und Reaktion erschossen,  Marschier'n im Geist in unser'n Reihen mit.</p> <p>Die Straße frei den braunen Bataillonen.  Die Straße frei dem Sturmabteilungsmann!  Es schau'n aufs Hakenkreuz voll Hoffnung schon Millionen.  Der Tag für Freiheit und für Brot bricht an!</p> <p>Zum letzten Mal wird Sturmalarm geblasen!  Zum Kampfe steh'n wir alle schon bereit!  Schon flattern Hitlerfahnen über allen Straßen.  Die Knechtschaft dauert nur noch kurze Zeit!</p>	<p>Levante a bandeira! As fileiras bem fechadas!  A SA marcha com passos calmos e firmes.  Camaradas baleados pela Frente Vermelha e reacionários marcham em espírito em nossas fileiras.</p> <p>Limpe as ruas para os batalhões marrons,  Limpe as ruas para o homem da divisão de tempestade!  Milhões estão olhando para a cruz cheia de esperança,  O dia da liberdade e do pão amanhece!</p> <p>Pela última vez, o chamado às armas sou!  Para a luta, estamos todos preparados!  As bandeiras de Hitler já estão voando em todas as ruas.  O tempo de escravidão durará um pouco agora!</p>
---	---

Fonte: Wikipédia.

A glorificação de Horst Wessel, criada depois da morte, proporcionou a fusão dos princípios que ele carregava, adaptando-os a valores antigos e enraizados na sociedade alemã, conferindo-lhe grande aceitação como legítimo representante dos novos conjuntos de ação e padrões sociais propostos pelo nacional-socialismo.

Um caso particular e muito relevante de hino político é “A Internacional”, no original francês *L’Internationale*, um hino que não surge como Hino Nacional, mas apresenta um caráter internacionalista, e que veio a se tornar uma das canções de cunho político mais conhecidas de todo o mundo. A letra original da canção foi escrita em francês, em 1871, por Eugène Pottier (1816-1887), que havia sido um dos membros da Comuna de Paris. A intenção de Pottier era a de que o poema fosse cantado ao ritmo da Marselhesa, mas em 1888, Pierre De Geyter (1848–1932) transformou o poema em música. Na Figura 2, logo abaixo, estão as imagens dos autores da Internacional, Eugène Pottier e P. C. Degeyter.

Figura 2 - Eugène Pottier e P. C. Degeyter, autores do *L’Internationale*.



Fonte: Site da Fundação Astrojildo<sup>12</sup>

Segundo Eduardo Rocha (2021), a Internacional ganhou particular notoriedade em 1917, com a Revolução Russa, e tornou-se o hino da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ficando neste posto até 1944 quando foi substituída pelo *Gimn Sovetskogo Soyuz* (Hino da União Soviética), anteriormente referido como a “Canção de Stalin”, pois ele era mencionado na música. No entanto, após sua morte, em 1953, tal referência já não era mais aceitável, devido a diversas ações políticas que denunciaram o governo de seu antecessor, por isso, as autoridades resolveram descartar a letra e desaconselhavam, inclusive,

<sup>12</sup> (Link: <https://www.fundacaoastrojildo.org.br/150-anos-da-letra-da-internacional/>).

a execução da música. Assim, na maioria dos eventos nacionais, o hino “A Internacional” substituía o hino soviético.

É importante frisar o quanto a Internacional se mistura com a história do hino da Rússia, primeiro porque foi o hino oficial por mais de vinte anos e depois, por ser considerado novamente quando o hino oficial se tornara politicamente inapropriado. Contudo, em 1977, a letra do hino oficial foi revista e os trechos que citavam as vitórias soviéticas nas batalhas foram substituídos por versos que falavam sobre um futuro comunista. A partir desse momento, ele passou a ser o hino oficial e a Internacional não foi mais usada como hino da Rússia. Em 1990, ainda era o hino oficial, porém, em 1991, com a posse de Boris Yeltsin, o hino foi substituído pela Canção Patriótica, que foi o hino Russo até o ano 2000. Com a saída de Yeltsin, o hino da União Soviética tornou-se novamente o hino russo e, com tantas alterações na letra ao longo da história, restou intacta apenas a melodia que ainda hoje é usada como o hino da Rússia (ROCHA, 2021).

A Internacional, a partir de 1896, após a realização do congresso do Partido Operário Francês, durante o qual foi tocado e cantado, se espalha por toda a França e pela Europa por meio dos delegados estrangeiros que ali estavam. A Internacional, como o próprio nome já diz, não é apenas da Rússia, pois tornou-se o hino do socialismo revolucionário internacional. O seu refrão original, em francês, diz: *C'est la lutte finale./Groupons-nous et demain/L'Internationale/Sera le genre humain*, que, traduzindo livremente, significa, "Esta é a luta final./Vamos nos juntar e amanhã/A Internacional/Írá envolver toda raça humana", mas existe uma tradução mais usual para o português que costuma ser: “Bem unidos façamos, / Nesta luta final, / Uma terra sem amos /A Internacional”. A Internacional foi traduzida para várias línguas. Tradicionalmente, é cantado com a mão esquerda levantada. Em muitos países europeus, a canção foi considerada ilegal no início do século XX por causa de sua ligação com o movimento comunista.

E para finalizar, não se pode deixar de falar sobre o Hino Nacional dos Estados Unidos da América, o *The star-spangled banner* (A bandeira estrelada). O hino tem uma história rica e emocionante que remonta ao início do século XIX. Sua composição e as circunstâncias em que foi escrita refletem o espírito e o orgulho nacional dos Estados Unidos. A história começa durante a Guerra de 1812, um conflito entre os Estados Unidos e o Reino Unido. Em setembro de 1814, as tropas britânicas atacaram a cidade de Baltimore, no estado de Maryland. Um jovem advogado chamado Francis Scott Key estava a bordo de um navio britânico tentando negociar a libertação de um amigo que havia sido capturado pelos britânicos. Enquanto Key estava a bordo do navio, ele testemunhou o bombardeio implacável

da Fort McHenry, uma fortificação americana que protegia a cidade de Baltimore. Durante toda a noite, os fogos de artilharia explodiram no céu, enquanto a fortaleza resistia ao ataque britânico. Ao amanhecer, Key olhou para a fortaleza e ficou emocionado ao ver a bandeira americana ainda tremulando no alto do mastro. Inspirado por esse momento, ele começou a escrever um poema chamado "Defesa de Fort McHenry", que mais tarde tornou-se conhecido como "The Star-Spangled Banner". O poema de Key foi publicado em jornais locais e rapidamente se tornou popular em todo o país. As palavras evocavam o espírito de resiliência e determinação dos americanos em face da adversidade.

A música que acompanha o poema foi baseada em uma melodia britânica chamada "To Anacreon in Heaven", composta por John Stafford Smith, em 1773. Esta era a canção oficial da Anacreontic Society, um clube de músicos amadores do século 18 em Londres.

Em 1931, o Congresso dos Estados Unidos oficializou a música como o Hino Nacional do país, que desde então, tem sido uma parte importante das cerimônias e eventos cívicos, especialmente em ocasiões que celebram a independência e a identidade americana.

Esses são apenas alguns exemplos de hinos nacionais ao redor do mundo. Cada hino representa a história, a cultura e os valores de seu país, e são executados em eventos públicos importantes, em cerimônias oficiais, celebrações nacionais e jogos esportivos nacionais e internacionais, o que os tornam cada dia mais conhecidos em todo o mundo.

Por fim, o foco deste trabalho, o Hino Nacional do Brasil. Com música composta por Francisco Manuel da Silva em 1831, e letra escrita por Joaquim Osório Duque Estrada em 1909, foi oficializado como Hino Nacional em 1922 e carrega consigo a grande responsabilidade de ser um símbolo da nação brasileira para o restante do mundo.

São muitas as curiosidades que envolvem a história do nosso hino, a começar por seu compositor, Francisco Manuel da Silva, do qual é a obra mais conhecida e importante, mas que nem a data e a motivação da composição se sabe ao certo. Assim, como todas as obras que se consagram, o Hino Nacional brasileiro carrega muitas histórias e mitos ao redor de si, e são esses muitos "detalhes" que se pretende expor neste trabalho.



## 2 FRANCISCO MANUEL DA SILVA E SEU TEMPO<sup>13</sup>

Figura 3 - Francisco Manuel da Silva, por Luís Aleixo Boulanger.



Fonte: Arquivos e Coleções Particulares – ACP.

### 2.1 Biografia

O “compositor do Hino Nacional brasileiro”, assim ficou conhecido Francisco Manuel da Silva<sup>14</sup>. Nascido no Rio de Janeiro a 21 de fevereiro de 1795, era filho de Joaquim Mariano da Silva e Joaquina Rosa. Começou a estudar música ainda menino com o padre José Maurício Nunes Garcia<sup>15</sup>, o maior nome da música do período colonial no Brasil. Na

<sup>13</sup>**Francisco Manuel da Silva e Seu Tempo** – é o título do livro de Ayres de Andrade, escrito em 2 volumes, que conta a história de Francisco Manuel, situando-o histórica e politicamente no período em que viveu (ANDRADE, 1967, p. 97).

<sup>14</sup>Existe uma divergência na grafia do nome do compositor. Muitos escrevem Manoel e tantos outros, Manuel. Contudo, preferimos manter Manuel, considerando a forma de escrita de Mario de Andrade, em referência citada no seu livro *Aspectos da música brasileira. 2. ed.* Na qual ele diz: “Francisco **Manuel** da Silva exerce em nossa música a finalidade que Guido D’Arezzo teve na teoria e prática da monodia europeia” (ANDRADE, 1939, p. 15, grifo meu).

<sup>15</sup>**José Maurício Nunes Garcia** (1767–1830). Foi um padre católico, professor de música, maestro, multi-instrumentista e compositor. Considerado o compositor brasileiro mais prolífico de sua época, e hoje é conhecido como um dos nomes mais representativos da música brasileira de todos os tempos e, sem dúvida, o mais importante compositor de sua geração. Existem mais de 240 composições catalogadas, em sua grande maioria, no gênero sacro e vocal. São missas, matinas, vésperas, motetos, antífonas e outras voltadas para o

adolescência, passou a estudar violoncelo com o Professor Policarpo José de Faria Beltrão<sup>16</sup>, exímio violoncelista que veio para o Brasil em 1808 integrando o grupo de artistas que estavam na esquadra de D. João VI (CERNICCHIARO, 1926, p. 92). Quatro anos depois, em 1809, já com 14 anos, ingressou como soprano no Coro da Capela Real<sup>17</sup>, sendo efetivado em 1812. Foi ainda timpanista e violoncelista nesta mesma instituição.

Sua formação, que fora iniciada com o Pe. José Maurício, teve outros professores tais como Marcos Portugal (1762-1830) e Sigismund von Neukomm (1778-1858), nomes importantes na história da música no Brasil.

Marcos Portugal, renomado músico português, era organista, maestro e foi um prolífico compositor, reconhecido em toda a Europa, com mais de 70 obras dramáticas, incluindo cerca de 40 óperas e mais de 160 obras religiosas. Ele teve sucesso internacional com inúmeras representações operísticas na Europa, contudo, em Portugal e no Brasil, sua fama de compositor foi alicerçada no gênero sacro. Foi aluno do Seminário da Patriarcal de Lisboa a partir dos 9 anos, onde estudou com João de Sousa Carvalho e provavelmente com José Joaquim dos Santos. Nessa instituição foi admitido como organista em 1782, ano em que recebe uma encomenda da Rainha D. Maria I, uma “Missa com instrumental” para a festividade de S. Bárbara. Este evento estabeleceu o início do seu relacionamento com a Família Real, principalmente com D. João, o que marcou de forma decisiva o seu percurso profissional e também estético.

---

culto católico, e algumas poucas modinhas e peças orquestrais e dramáticas. Além das composições musicais, deixou uma grande obra didática, sem contar as obras que foram perdidas. Fez renome também como professor de música e instrumentista, sendo elogiado, sobretudo, pela sua qualidade como improvisador e acompanhador ao teclado. (JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA. In: WIKIPÉDIA, Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9\\_Maur%C3%ADcio\\_Nunes\\_Garcia&oldid=66848158](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9_Maur%C3%ADcio_Nunes_Garcia&oldid=66848158).

<sup>16</sup>Conforme citação de Saulo Dantas-Barreto (2020, p.46), em sua dissertação de mestrado, o musicólogo italiano Vincenzo Cernicchiaro em seu livro “História da música no Brasil” afirma que o violoncelista “*Polycarpo*”, veio para o Brasil em 1808 integrando o grupo de artistas que estavam na esquadra de D. João VI. (Cernicchiaro, 1926, p. 92). Saulo acredita que seja o mesmo Policarpo José de Faria Beltrão que aparece na “Lista de Músicos atuantes no Rio de Janeiro entre 1808 e 1821”, citada no livro “A construção do gosto: música e sociedade na corte do Rio de Janeiro (1808-1821) de Maurício Monteiro (2008, p. 329)”.

<sup>17</sup>A Capela Real, ou Real Capela, foi uma instituição fundada no Rio de Janeiro pelo príncipe regente de Portugal, Dom João, com a incumbência de organizar as celebrações religiosas assistidas pela família real, notabilizando-se principalmente pela qualidade da música apresentada nessas ocasiões. Segundo a pesquisadora Cleofe de Mattos, antes da chegada da família real, existia apenas a capela da catedral, para a qual o padre José Maurício havia sido indicado como mestre em 1798. Com a elevação à Capela Real, o Pe. José Maurício se manteve no cargo, que era o mais prestigiado a que poderia ambicionar qualquer músico brasileiro do século XVIII e, mesmo com as investidas dos clérigos portugueses, liderados pelo músico Marcos Portugal, para tomarem este posto para si, não conseguiram. O Pe. José Maurício manteve-se na função até o fim de seus dias. Em seu auge, chegou a manter cerca de cinquenta cantores e cem instrumentistas, quadro que diminuiu com a volta de D. João a Portugal. Por ocasião da ascensão de Dom Pedro I ao trono, foi transformada em Capela Imperial, mas depois de sua abdicação, em 1831, numa conjuntura econômica difícil, suas atividades foram ainda mais reduzidas. O sucessor, Dom Pedro II, reativou-a parcialmente, mas foi extinta com a Proclamação da República em 1889.

(Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Capela\\_Real\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro&oldid=66506393](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Capela_Real_do_Rio_de_Janeiro&oldid=66506393)).

Em meados de 1800, é nomeado Mestre de Solfa<sup>18</sup> do Seminário da Sé Patriarcal e Mestre de Música do Real Teatro de São Carlos de Lisboa. Em 1805, transferiram o centro da atividade musical do reino para Mafra, onde o Príncipe Regente tinha passado a residir. Nesse período, que vai até o final de 1807, Marcos Portugal compôs mais de 20 obras religiosas para as vozes dos monges do convento de Mafra e também o conjunto único de 6 órgãos da Basílica.

A vinda da família real para o Brasil fez com que D. João trouxesse também Marcos Portugal, o que ocorreu em 1811. Foi nomeado Mestre de Suas Altezas Reais, e incumbido de compor a música para as ocasiões de maior significado religioso, social ou político, quando o Príncipe Regente, mais tarde Rei D. João VI, estivesse presente. Marcos nunca foi formalmente Mestre da Capela Real no Rio de Janeiro; as suas funções na Capela Real eram complementares às do Padre José Maurício. Foi nesse período que Francisco Manuel estudou com Marcos Portugal, enquanto membro do coro da capela real. Inclusive, foi ele que o aconselhou a trocar o violoncelo pelo violino.

Marcos Portugal, mais do que habilidade musical, possuía uma grande capacidade de articulação política. Tal fato o possibilitava tramitar em todos os meandros da corte, tanto que passou a ser figura chave na estratégia de representação do Poder Real, responsável por um estilo de música adequado à encenação do esplendor e grandiloquência que envolviam as aparições públicas do Monarca na Capela Real, mas também responsável pela dignidade e bom andamento dos espetáculos musicais realizados nos teatros públicos, quando contassem com presença do Príncipe Regente. Com o regresso da família real para Portugal e com a Independência do Brasil, muitos dos músicos que estavam ao serviço do Rei de Portugal regressaram para a Europa, e os cortes orçamentais implicaram na diminuição do número das cerimônias de gala. A importância estratégica da música de Marcos Portugal havia se perdido. Vítima de dois derrames, Marcos Portugal não acompanhou D. João VI quando a corte voltou a Portugal em 1821. Morreu relativamente esquecido no dia 17 de Fevereiro de 1830, no Rio de Janeiro. De acordo com a Constituição do Brasil de 1824<sup>19</sup>, Marcos Portugal morreu brasileiro.

Em 1816, Francisco Manuel passou a estudar contraponto e composição com Sigismund von Neukomm (1778-1858), compositor e pianista austríaco que viveu e trabalhou

---

<sup>18</sup>Professor de solfejo, leitura musical.

<sup>19</sup>Carta de Lei de 25 de Março de 1824 - Artigo 6, inciso IV. Todos os nascidos em Portugal, e suas Possessões, que sendo já residentes no Brasil na época, em que se proclamou a Independência nas Províncias, onde abitavam, adheriram á esta expressa, ou tacitamente pela continuação da sua residencia (BRASIL, 1824, p. 7).

no Rio de Janeiro de 1816 a 1821. Não podemos, nesta altura, deixar de falar também da trajetória, no Brasil, de tão importante figura para a história da música brasileira.

Sigismund von Neukomm, em 1816, foi convidado a integrar a comitiva do Duque de Luxemburgo, um diplomata francês que veio como embaixador extraordinário à corte do Rio de Janeiro para trabalhar no restabelecimento das relações diplomáticas após o fim das guerras napoleônicas. Neukomm foi convidado a permanecer no Rio de Janeiro pelo Conde da Barca, que era ministro do reino, amigo dos franceses e grande incentivador das artes na corte. Ele hospedou o compositor em sua própria casa, com o intuito de garantir a presença de um músico dinâmico e absolutamente moderno, o que favoreceria o ambiente musical da corte. Sua presença foi de grande importância para o meio musical do novo país, pois contribuiu para a popularização da obra de Haydn, de quem era amigo e discípulo favorito, e também de Mozart. Na corte, foi professor de música do príncipe D. Pedro, de D. Leopoldina e ainda dos demais infantes reais como a Infanta D. Isabel Maria de Bragança. Por encomenda de D. Leopoldina, compôs uma “Grande Missa de São Francisco”, oferecida a seu pai, o Imperador Francisco I, da Áustria. Ele foi grande incentivador e divulgador do talento do Padre José Maurício Nunes Garcia, o qual considerava ser o maior improvisador do mundo; também, como já citamos acima, foi professor de Francisco Manuel da Silva, que se tornaria o maior responsável pela atividade musical no período da Regência. Neukomm é o patrono da cadeira de número 6 da Academia Brasileira de Música<sup>20</sup> (ABM), instituição na qual Francisco Manuel da Silva também é patrono, ocupando a cadeira de nº 7. É importante observarmos no Quadro 5, abaixo, a notoriedade dos patronos que circundam Francisco Manuel da Silva na ABM, o que inclui os dois professores que são responsáveis pela sua formação, Pe. José Maurício e Sigismund Neukomm, bem como D. Pedro I.

---

<sup>20</sup>A Academia Brasileira de Música (ABM) foi fundada em 14 de julho de 1945, por Heitor Villa-Lobos, seguindo padrões da Academia Francesa. É uma instituição sem fins lucrativos, composta por quarenta acadêmicos, os quais são personalidades de destaque no meio musical brasileiro nas áreas de composição musical, interpretação e musicologia. Para a criação, reuniram 40 personalidades de destaque do mundo da música brasileira, na altura todos já falecidos, e concedeu-lhes o título honorífico de patronos. Por meio do Decreto federal de 7 de novembro de 1946, reconheceu-se a instituição como sendo de utilidade pública e, em 6 de junho de 1947, também por meio de Decreto federal, tornou-se órgão técnico-consultivo do governo federal (ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA. In: WIKIPÉDIA, 2023).

Quadro 5 - Lista dos patronos que ocupam as 20 primeiras cadeiras da ABM.

1º - José de Anchieta	2º - Luís Álvares Pinto	3º - Domingos Caldas Barbosa	4º - José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita
5º - José Maurício Nunes Garcia	6º - Sigismund von Neukomm	<b>7º - Francisco Manuel da Silva</b>	8º - Pedro I
9º - Thomaz Cantuária	10º - Cândido Ignácio da Silva	11º - Domingos Moçurunga	12º - José Maria Xavier
13º - José Amat	14º - Elias Álvares Lobo	15º - Antônio Carlos Gomes	16º - Henrique Alves de Mesquita
17º - Alfredo d'Escragolle Taunay	18º - Arthur Napoleão	19º - Brasília Itiberê da Cunha	20º - João Gomes de Araújo

Fonte: Site da Academia Brasileira de Música.

Surgiu uma situação sobre a lista de Patronos da ABM que causou certo estranhamento: a ausência de Marcos Portugal. Não foi encontrada nenhuma informação detalhada sobre os critérios utilizados para a escolha dos patronos e nenhum comentário sobre o fato de ele não fazer parte da lista. A única informação encontrada é que José Cândido de Andrade Muricy, eleito presidente da ABM em 15 de dezembro de 1961, empreendeu uma grande reforma no Estatuto de 1945, que reduziu o número de cadeiras, seguindo os moldes da ABL, e redistribuiu seus ocupantes. Foram extintas 12 cadeiras, as de nos 2, 6, 7, 11, 17, 19, 28, 31, 33, 38, 39 e 44. O quadro de patronos foi modificado, sendo incorporados os nomes dos compositores José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e Sigismund Neukomm em duas novas cadeiras. Assim, com a aprovação do novo Estatuto em 22 de dezembro de 1967, a ABM passou a contar com 40 cadeiras. Imagina-se que Marcos Portugal possa ter sido excluído da lista nesse momento.

Voltando a Francisco Manuel, Andrade (1967), relata que em 1823 ele requereu o lugar de timbaleiro na orquestra da Capela Imperial, e foi nomeado graças ao parecer, a seu favor, emitido pelo inspetor daquela instituição. Em 1825, pediu transferência para ocupar o lugar de segundo violoncelo da Capela Imperial, para o qual foi nomeado no dia 30 de julho. Em 1827, foi organizador e diretor de diversos conjuntos musicais para festividades religiosas, tendo sido dispensado quatro anos mais tarde de suas funções de músico da Capela Imperial. Em abril de 1831, no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, foi executado o hino, o Sete de Abril, de sua autoria, que fora composto para comemorar a abdicação de D. Pedro I, hino que mais tarde se transformaria no Hino Nacional brasileiro. No dia 7 de abril de 1832, o novo hino foi cantado na Sociedade Defensora da Independência e

Liberdade Nacional. Dois dias após esse evento, os jornais anunciaram a publicação do novo hino.

Foi um dos fundadores da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, instituição voltada para o fomento da atividade operística no Rio de Janeiro e que estimulou a criação das primeiras óperas de Carlos Gomes, Henrique Alves de Mesquita e Elias Álvares Lobo. E em dezembro de 1833, fundou a Sociedade Musical de Beneficência, o primeiro órgão criado no Brasil em defesa dos interesses da classe musical, que tinha por objetivo o amparo dos músicos profissionais e de suas famílias. Essa sociedade teve um papel importante na época e funcionou até 1890. Por proposta dessa sociedade é que foi fundado o Conservatório Imperial de Música, em 1848, o primeiro do gênero na América do Sul, que teve Francisco Manuel como seu primeiro diretor. Na Figura 4, o conservatório do Rio de Janeiro que é a origem da atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Figura 4 - Museu Nacional, onde funcionou o Conservatório de Música de 1848 a 1854, no Campo da Aclamação, atual Praça da República.



Fonte: Arquivo Nacional MAPA.<sup>21</sup>

Francisco também foi regente do Teatro Lírico Fluminense, que depois foi transformado na Ópera Nacional. Contando com a simpatia do novo imperador D. Pedro II, ele foi nomeado para o posto de compositor da Real Câmara do Imperador D. Pedro I, em 1841, e no ano seguinte assumiu como Mestre da Capela Real, sucedendo a Simão Vitorino

---

<sup>21</sup> (Link: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/303-conservatorio-de->)

Portugal, irmão de Marcos Portugal. No dia 17 de maio de 1842, foi nomeado mestre compositor da Capela Imperial.

Em 1844 passou a tomar parte do corpo de censores do Conservatório Dramático Brasileiro, que opinava sobre as peças que seriam levadas nos vários teatros da corte. Em 8 de maio de 1845, é executado pela primeira vez o Hino ao Infante D. Afonso, e em 21 de janeiro de 1847 foi criado o regulamento 496, criando as bases para o funcionamento do Conservatório de Música. Em 1857, recebeu a condecoração máxima oferecida pelo Imperador D. Pedro II, a cruz de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa<sup>22</sup>. (ver Figura 5).

Figura 5 - Modelos de condecoração e de broches oferecidos aos condecorados pela Imperial Ordem da Rosa.



Fonte: Blog História e Genealogia

Paulo Castanha (2003), no seu curso de história da música brasileira, nos conta que em 25 de março de 1857, houve a instalação, no Rio de Janeiro, da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, que tinha dois grandes objetivos: o primeiro deles era preparar e aperfeiçoar artistas nacionais melodramáticos; o segundo, dar concertos e representações de canto em língua nacional, levando à cena óperas líricas nacionais ou estrangeiras vertidas para o português. Segundo Castanha, a Imperial Academia foi uma iniciativa que partiu da elite e se destinava à elite. Tinha como empresário, administrador e gerente D. José Amat<sup>23</sup>. Os

<sup>22</sup> A Imperial Ordem da Rosa é uma ordem honorífica brasileira criada em 17 de outubro de 1829 pelo imperador D. Pedro I (1822-1831) para perpetuar a memória de seu matrimônio, em segundas núpcias, com Dona Amélia de Leuchtenberg e Eischstädt, um dia após sua chegada ao Brasil.

(Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Imperial\\_Ordem\\_da\\_Rosa&oldid=67002017](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Imperial_Ordem_da_Rosa&oldid=67002017)).

<sup>23</sup> José Zapata y Amat (Espanha, 1818 – França, 1882) foi um tenor, pianista, violinista, compositor e empresário musical. Em 1848, muda-se para o Rio de Janeiro, provavelmente por razões políticas. Lecionou canto e

demais membros da diretoria foram o Marquês de Abrantes, Visconde do Uruguai e Barão do Pilar, como membros do Conselho Diretor, e como membros do Conselho Artístico, Francisco Manuel da Silva, Gioachino Giannini, Manuel Araújo Porto Alegre, Dionísio Vega e Isidoro Bevilacqua. Contudo, entre a elaboração do projeto e sua realização, surgiram dificuldades que impuseram uma curta duração à empreitada da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, que foi substituída, em fins de 1858, pela Empresa de Ópera Nacional, da qual Francisco Manuel também fez parte como membro da diretoria.

Em 1862, no dia 30 de março, regeu o "Te Deum", na inauguração do monumento equestre erguido em homenagem a D. Pedro I. A música foi de sua autoria. O evento foi ao ar livre, e contou com uma orquestra de 240 instrumentistas e um coro de 653 vozes, do qual tomaram parte Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco e Vieira Fazenda, ente outros alunos do Imperial Colégio Pedro II.

Em março de 1863 houve o lançamento da pedra fundamental da sede do Conservatório de Música. Em 5 de fevereiro de 1865, seu Hino de Guerra foi executado na Escola Central, mais tarde Escola Nacional de Engenharia. A cerimônia foi para festejar as vitórias na Guerra do Paraguai. A letra era de Antônio José de Araújo.

A última música de Francisco Manuel da Silva a ser executada foi sua peça para soprano, harpa, harmônio e orquestra, tocada na Igreja de São Francisco de Paula. Sobre o compositor, falou Mario de Andrade:

É então que surge a maior figura musical que o Brasil produziu até agora, e que com o seu fecundo gênio vinha dar bases mais sólidas a todo esse castelo fundado na corrediça areia do litoral, Francisco Manuel da Silva. É este o grande nome que a música brasileira apresenta em suas vicissitudes sociais. Dotado de uma visão prática genial que o levava a agir contra quaisquer impedimentos, este é o criador que funda a nossa técnica musical definitivamente. Viola o domínio da epidêmica iniciativa particular em que todo o nosso ensino musical se dispersara até então, concentrando nas mãos permanentes do governo a educação técnica do músico brasileiro.

É o Conservatório. E ainda define o paroxismo melodramático da monarquia, criando a Academia Imperial de Ópera. E a fortuna lhe foi tão fiel, que coroou toda essa fecundidade, tornando-o sem querer o autor do Hino Nacional Brasileiro. Francisco Manuel da Silva exerce em nossa música a finalidade que Guido D'Arezzo teve na teoria e prática da monodia europeia. É um coordenador, um sistematizador, um tecnicizador genialíssimo (ANDRADE, 1939, p. 15).

---

composição e também musicou versos de vários poetas como Gonçalves Dias, inclusive o poema "Canção do Exílio", além de fundar a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional. Publicou, em 1851, o álbum *Mémoires brésiliennes* e em 1862 *Les nuits brésiliennes*.  
(Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9\\_Zapata\\_y\\_Amat&oldid=52504720](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9_Zapata_y_Amat&oldid=52504720)).



Fazendo alusão ao prestígio de Francisco Manuel como aluno, Bruno Kiefer faz duas menções em seu livro “História da Música Brasileira”. A primeira no que tange ser aluno do Pe. José Maurício:

José Maurício ensinou música ao longo de 28 anos. Fê-lo, durante muito tempo, numa casa que recebera como doação, à rua das Marrecas. “...em seus bancos sentaram-se algumas das mais destacadas figuras da música: compositores, professores, modinheiros<sup>24</sup>, cantores, copistas, figuras que brilharam na administração do Brasil Império no terreno da organização social como no ensino da música, sem falar na massa dos que se perderam no anonimato das Irmandades, mas deixaram, ao longo do século XIX, no quadro da vida musical do Rio de Janeiro, em diferentes setores, o rastro de perpetuidade da ação profícua do Pe. José Maurício”. O mais destacado destes alunos foi, sem sombra de dúvida, Francisco Manuel da Silva, futuro autor do Hino Nacional (KIEFER, 1976, p. 55-56)<sup>25</sup>.

E sobre ser aluno de Sigismund Neukomm:

Neukomm fora contratado como professor de contraponto e harmonia. Na realidade nunca chegou a assumir o seu cargo; a prepotência de Marcos Portugal atuou também neste caso. Limitou-se a dar lições de música a D. Pedro (I), à princesa D.<sup>a</sup> Leopoldina e a Francisco Manuel da Silva (KIEFER, 1976, p. 61).

A citação acima mostra a estima que Francisco Manuel da Silva tinha, não só com Neukomm, mas também com a família real. Tal ligação e prestígio se deu quando Francisco ainda era bem jovem e escreveu um “*Te Deum*” para o então príncipe Dom Pedro<sup>26</sup>, que na ocasião lhe prometeu financiar seu aperfeiçoamento na Europa, mas como nos conta Vasco Mariz (2000), não chegou a cumprir a promessa. Em vez disso, nomeou-o para a Capela Real, onde foi bastante ativo como diretor musical. Essa situação de não cumprimento da promessa ficou pairando sobre a história da convivência entre Francisco Manuel e D. Pedro I, servindo, ainda, como fomento para as elocubrações sobre a motivação de se compor um hino para a deposição do Imperador em 1831. Contudo, entende-se que a situação da música depois do retorno de D. João VI para Portugal era desastrosa. Mesmo com todo o entusiasmo de D. Pedro I pela música, a situação financeira que o Brasil enfrentava, criada pela Independência, refletiu sensivelmente em tudo o que não era indispensável; logo, entende-se a motivação de o

<sup>24</sup>Modinheiro é o indivíduo que compõe ou canta modinhas.

<sup>25</sup>Kiefer cita entre aspas o Catálogo Temático de José Maurício Nunes Garcia organizado por Cleofe Person de Mattos e editado pelo Conselho Federal de Cultura (KIEFER, 1970, p. 31).

<sup>26</sup>Trata-se, nessa ocasião, de D. Pedro I.

Império não ter enviado Francisco Manuel para estudar no exterior. Tal situação aos poucos foi minando a popularidade do imperador que, mesmo com o apoio de alguns setores da sociedade, não conseguiu reverter a crise. Foi essa crise que o levou a abdicar-se do trono no dia 07 de abril de 1831. A partir disso, a situação financeira e política do Brasil ficou ainda mais apertada. Consideram esse período após a abdicação de D. Pedro I, até a ascensão de D. Pedro II ao trono, um o período muito difícil vivido pela cultura musical no Brasil e, segundo Mariz (2000), “Nesse período só uma figura velava pela conservação do nosso patrimônio musical, Francisco Manuel”.

A partir de 1840, com a maioridade de D. Pedro II, a vida no país começou a se normalizar e com isso, proporcionar o renascimento das atividades artísticas de forma regular. O imperador, que era um grande apreciador de música, acreditou no talento de Francisco Manuel da Silva, reconhecendo-o como um importante representante da música nacional e o apoiando financeiramente, permitindo, assim, que continuasse a criar e contribuir para o desenvolvimento da música brasileira. Inclusive, ele compôs diversas obras em homenagem a Dom Pedro II e à família imperial. A relação entre os dois era de grande respeito mútuo e admiração. A contribuição de Francisco Manuel para a música brasileira é lembrada até hoje como uma das mais importantes de sua época.

Como afirma Kiefer (1976), Francisco Manuel acumulou muitos méritos como organizador da vida musical brasileira e, mesmo que sua obra musical não apresente uma grande diversidade criativa, ela mostra, com toda certeza, a eficiência dos ensinamentos que recebeu de seus predecessores. Kiefer finaliza dizendo:

Francisco Manuel deverá figurar como exemplo de trabalho e dedicação à causa da cultura musical brasileira; deverá ter a gratidão dos que usufruem, direta ou indiretamente, aquilo que o mestre fundou e semeou. Quanto mais meditarmos sobre as precárias condições culturais nas quais viveu, tanto mais valor adquire essa figura singular no cenário da música brasileira (KIEFER, 1976, p. 77).

Ser homenageado em selos e moedas é uma honra que poucas pessoas recebem, e é uma forma de immortalizar essa pessoa na história, permitindo que sua imagem e legado sejam lembrados por gerações futuras. Francisco Manuel recebeu duas homenagens, a primeira no seu aniversário de 150 anos, tendo seu rosto estampado em um selo comemorativo (Figura 6), e a segunda, no bicentenário de seu nascimento, com uma medalha comemorativa (Figura 7) cunhada pela Casa da Moeda do Brasil. Essas homenagens são a prova de que Francisco

Manuel é uma personalidade importante e influente. Essas honrarias são, portanto, um símbolo de prestígio e respeito ao grande homem que ele foi.

Figura 6 - Selo Comemorativo dos 150 anos de nascimento de Francisco Manuel da Silva.



Fonte: Site da loja RHM<sup>27</sup> Filatelistas

Figura 7 - Medalha Comemorativa<sup>28</sup> dos 200 anos de nascimento de Francisco Manuel da Silva.



Fonte: Site de leilões Antônio Ferreira.

Francisco faleceu 8 de dezembro de 1865, com 70 anos de idade, vítima de tísica na laringe, cercado da admiração e do respeito de todos. Seu corpo encontra-se sepultado no Cemitério de São Francisco de Paula, no Catumbi, na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>27</sup> (Link: <https://www.oselo.com.br/artigo/nascimento-de-francisco-manoel-da-silva/>).

<sup>28</sup> Medalha Comemorativa dos 200 anos de nascimento de Francisco Manuel da Silva - Autor da Música do Hino Nacional Brasileiro, Ano 1795/1995, CMB – Casa da Moeda do Brasil. Prata, Peso 65 g, Diâmetro 50 mm.

## 2.2 Obras

Francisco, como vimos acima, era compositor, regente, professor e conquistou, com sua trajetória, grande destaque na vida musical brasileira na primeira metade do século XIX. Francisco Manuel da Silva deixou boa quantidade de obras, espalhadas em arquivos cariocas, mineiros e paulistas, abrangendo música sacra, modinhas e lundus. Contudo, sua obra de composição musical não é considerada de grande originalidade, embora algumas sejam interessantes, como a Missa Ferial e a Missa em mi bemol; ele foi o autor de uma única peça que se tornou célebre, a melodia do atual Hino Nacional brasileiro.

Uma lista de composições<sup>29</sup> de Francisco Manuel foi fornecida ao historiador e escritor Renato Almeida<sup>30</sup> (1895-1981) pelo Sr. Agostinho Dias Nunes d'Almeida (1880–1956), que era fervoroso conhecedor da glória do compositor. A lista é a seguinte:

### *Hinos*

- Hino Nacional Brasileiro;
- Hino da Coroação (Gravado pela Vitor, n. 34.353 B);
- Hino das Artes;
- Hino à Imperial Sociedade Amante da Instrução (Canto e orquestra);
- Hino de Guerra (Gravado pela Vitor, n. 34.353 A);
- Hino à Virgem Santíssima (Feito para o Centenário do Senhor dos Passos, da Lapa do Desterro);
- Hino ao Infante D. Afonso.

### *Romances*

- (Nº 1 - Coleção de 12 Romances - Sou eu! (Canto e piano);
- O Sofrimento (canto e piano);
- Romance, oferecido a D. Paulina (Baronesa de Santo Ângelo).

### *Músicas sacras*

- Missa dos Mortos ou de Requiem, em si bemol - (Orquestra e vozes);
- O Salutaris, 1ª e 2ª versão - (solo, coro e orquestra);
- Cântico Religioso - (3 vozes a seco);
- Libera me (3 vozes e orquestra);
- Te Deum Laudamus - (4 vozes e orquestra);
- Te Deum Laudamus - (orquestra e canto);

<sup>29</sup>A lista de composições está citada no livro “História da música brasileira” de Renato Almeida (ALMEIDA, 1942).

<sup>30</sup>Renato Almeida foi um advogado e jornalista brasileiro, que se destacou também como musicólogo e folclorista. Dentre suas várias obras, destaco o Compêndio de História da música brasileira, publicado em 1926 e reeditado, com alterações, em 1942 (obra utilizada nesta pesquisa).

- Ladainha n. 1 (coro e orquestra);
- Ladainha n. 2;
- Salve Regina (Coro e orquestra) - Existente no Instituto e atribuída a Francisco Manuel da Silva);
- Veni Creator (canto e orquestra);
- Ave Maria em lá (soprano e orquestra);
- Sequentia - para missa de Libera me - (harmônio com solos e coros);
- Quisede e Quonian - (orquestra e Soprano e Tenor);
- Matinas do Espírito Santo (orquestra e vozes);
- Matinas de São Francisco de Paulo;
- Matinas de N. S. da Conceição.

### *Músicas profanas*

- Variações sobre um tema de Lílio (canto e piano);
- Coro sobre uma poesia do Barão de Santo Ângelo.

### *Ópera*

- O Prestígio da Lei, sobre poema do Barão de Sant'Angelo.

### *Músicas populares*

- Compôs várias valsas, modinhas, a quadrilha Conjugal, o ontológico Lundu da Marrequinha<sup>31</sup>, com letra de Paula Brito presente no livro “Canções Populares do Brazil.” Na época de sua composição, esse lundu fez muito sucesso, figurando depois em vários livros sobre modinhas, lundus e cançonetas.

No *Grove*, edição impressa, de 2002, consta a seguinte lista de composições:

- 4 missas, dentre elas a Missa de S. Braz, em Eb e F; Missa pro defunctis ou Requiem, em Bb.
- Outras 30 obras sacras, incluindo 2 litanias, Miserere, Qui sedes, Salve regina, Te Deum e Veni Creator.
- Hinos: Hino ao 7 de Abril (Hino Nacional brasileiro), 1831; Hino à coroação, 1841; Hino das artes, 1854 e 3 outros hinos.
- 2 valsas: A beneficência, 1839; O primeiro beijo, 1847.
- Obras Escritas: Compendio de música prática (Rio de Janeiro, 1832); Compendio de música (Rio de Janeiro, 1838); Compendio de princípios elementares de música (Rio de Janeiro, 1848) e Método de solfejo (Rio de Janeiro, 1848).

---

<sup>31</sup> Acesso à gravação da composição “Lundu da Marrequinha”, por Luiza Sawaya e Achille Picchi Museu Paulista - São Paulo - Março 2008. (Link: <https://youtu.be/IErY66TkR8Q>).

Foram procuradas outras fontes que pudessem apresentar as composições de Francisco Manuel, mas não foram encontradas no material pesquisado. No Quadro 6, abaixo, estão as obras/composições que se encontram disponíveis no IMSLP<sup>32</sup>.

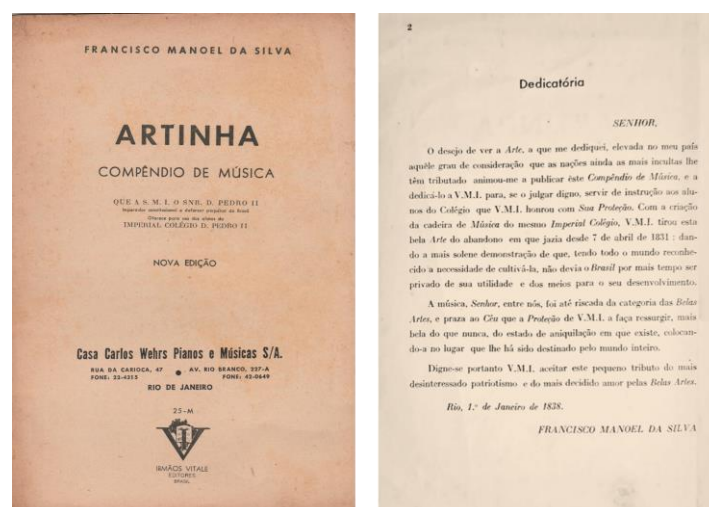
Quadro 6 - Lista de composições encontradas no IMSLP - em ordem alfabética.

Beatam me dicent	Gloriosæ Virginis	Miserere in F major
Beatissimæ Virginis Mariæ	Hino Nacional brasileiro	Missa in E-flat major
Cantico religioso	Hodie Concepta est	O Salutaris hostia
Conceptio gloriosæ	Ladainha	La Ricciolella
Conceptio tua, Dei Genitrix	Matinas da Conceição in B-flat major	Sou eu!
Cum jucunditate Conceptionem	Matinas da Conceição	Te Deum
Felix namque es	Matinas do Espírito Santo	Tota pulchra es Maria
Collecção de 12 Romances – Rio de Janeiro: Lith.J.J. do Rego, n.d.(ca.1842). Dedicado à Illma. Sñra. D. A. P. Porto Alegre.		

Fonte: site do IMSLP.

Além de suas obras musicais, Francisco Manuel escreveu ainda vários Compêndios de Música para uso escolar nos Conservatórios. Em 1832 a Tipografia Nacional publicou o Compêndio de música prática, dedicado aos amadores e artistas brasileiros. Em 1838, publicou seu Compêndio de Música, “*Artinha*”, para que os alunos do Imperial Colégio D. Pedro II pudessem utilizá-lo (ver Figura 8). Em 1848, publicou o Compêndio de princípios elementares de música, para uso do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, e o Método do Solfejo 1a. parte.

Figura 8 - Capa e Dedicatória do livro “*Artinha*” de Francisco Manuel da Silva



Fonte: extraída de acervo próprio.

<sup>32</sup> IMSLP - International Music Score Library Project: é uma biblioteca virtual de partituras musicais de domínio público.

Para Andrade (1967), a música religiosa de Francisco Manuel não se afasta das tendências da época, pois foram embasadas na obra de José Maurício, mas sem a inspiração, a riqueza melódica e o lirismo puro que foram as qualidades fundamentais de seu mestre. Em 1848 compôs o Hino à inauguração do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, que teve grande importância na vida musical da cidade. Como várias outras obras e documentos, esse hino se encontra desaparecido. Em 2 de dezembro de 1854 foi executado seu Hino das Artes, pela primeira vez, durante a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da pinacoteca da Academia de Belas Artes.

Infelizmente, assim como em várias outras realidades da história do Brasil, a falta de interesse, de cuidado e de importância aos fatos, muitas vezes por pura falta de entendimento, muitos registros deixaram de ser feitos, e dos que foram feitos, muitos se perderam. São muitas as realidades do passado, que são formadoras da nossa atual realidade, que ficaram esquecidas ou simplesmente se desfizeram com o tempo. Sobre isso, nos fala Andrade (1967) na introdução de seu livro “Francisco Manuel da Silva em seu tempo”:

Durante anos o autor deste livro andou esquadrinhando em arquivos e velhos jornais o passado musical do Rio de Janeiro. O primeiro resultado desse labor foi a verificação de que, na verdade, bem pouco se sabia desse passado nas suas particularidades e, mesmo, em alguns casos, nas suas grandes linhas (ANDRADE, 1967).

E diretamente sobre Francisco Manuel, ele comenta:

A despeito de tudo isso, ignorava-se por completo o que Francisco Manuel da Silva havia sido na primeira metade de sua carreira. Desconhecia-se que caminhos havia ele percorrido, que atividades havia exercido, até alcançar a prestigiosa situação que foi a sua no meio musical brasileiro (ANDRADE, 1967).

O trabalho feito por Ayres de Andrade nos possibilitou preencher várias lacunas existentes, não só na história de Francisco Manuel, mas na história geral da música brasileira. Durante sua pesquisa, além de encontrar documentos perdidos, ele trouxe à tona muitas ocorrências que ficaram esquecidas ou que nem foram apreciadas ou valorizadas no tempo em que aconteceram, mas que foram muito importantes para preencherem algumas lacunas existentes na história.

### 3 HISTÓRIA DO HINO NACIONAL

O Hino Nacional brasileiro, visto por um prisma histórico, é rodeado de muitos fatos que merecem ser lembrados e comentados, haja vista que sua trajetória não é assunto muito discutido, o que atribui um caráter um tanto mítico a esse símbolo no cenário nacional. No senso comum, as informações que se têm sobre o Hino se referem aos autores da música e da letra. Sabemos que a música foi elaborada por Francisco Manuel da Silva e a letra, escrita por Joaquim Osório Duque Estrada. Contudo, o que quase ninguém tem conhecimento, é o fato de que a letra fora escrita mais de 7 décadas depois da composição da melodia, não tendo, inclusive, o autor da melodia, conhecido o poeta que escrevera a letra. Joaquim Osório nasceu em 1870, cinco anos depois do falecimento de Francisco Manuel, que se deu em 1865. Estando a par da realidade temporal dos autores, tratemos com mais pormenores de cada uma das etapas de criação do hino.

Há várias versões sobre a origem da melodia do Hino Nacional. Aldo Pereira (1995), no seu livro “O Hino Nacional Brasileiro”, defende que a partitura de Francisco Manuel da Silva teria sido escrita às pressas, em 1831, para celebrar a abdicação de Dom Pedro I. Já o jornalista Marcelo Duarte (1999), ao pesquisar sobre o assunto para escrever o seu livro infantil “Ouviram do Ipiranga - A História do Hino Nacional Brasileiro”, levantou a hipótese de que a música de Francisco Manuel da Silva teria sido composta em 1822, para celebrar a independência do Brasil, e fora engavetada porque o imperador Pedro I, compositor do então conhecido Hino da Independência, preferia, obviamente, a música que ele próprio criara.

Ainda sobre a dúvida relacionada ao momento composição, diz Vasco Mariz em seu livro “A Música Clássica Brasileira”:

O curioso, entretanto, é que nosso Hino Nacional quis apenas celebrar a deposição de D. Pedro I. Francisco Manuel, embora admirador e protegido de D. Pedro II, era liberal e participou dos dias agitados que precederam à abdicação (MARIZ, 2002, p. 21).

Existe também, segundo Mariz, na biblioteca da antiga Escola Nacional de Música, um manuscrito do compositor Francisco Manuel, com a letra de Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, alusiva ao 7 de abril, que se sobrepõem à música, e complementa:



Persistem dúvidas se o hino de Francisco Manuel foi composto na ocasião ou se a letra foi adaptada posteriormente. As palavras mal ajustadas à música teriam já sido cantadas em público a 14 de abril de 1831 e continuaram a ser utilizadas mais adiante, sendo porém eliminadas as referências à abdicação após a ascensão ao trono do D. Pedro II. (MARIZ, 2002, p. 21).

Seguindo com a história, Mariz (2002) ainda afirma que “não há registros de como, nem quando, o hino foi oficializado no decorrer do Segundo Império. Contudo, Avelino Pereira (1995) em seu artigo<sup>33</sup> afirma que:

... Guilherme de Melo, autor da primeira história geral da música brasileira, A música no Brasil, obra editada em 1908, já tivera a oportunidade de apresentar partes da letra de Ovídio Saraiva e uma segunda letra, de autor anônimo, escrita para a mesma música de Francisco Manuel da Silva (sic) e divulgada, segundo o autor, à época da Coroação, em 1841 (PEREIRA, 1995, p. 25).

Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva (1786- 1852) era natural do Piauí. Oriundo de família de notável poder econômico, formou-se no curso de Leis da Universidade de Coimbra – Portugal. Atuante além das fronteiras da universidade, Ovídio participou do Corpo Acadêmico, nas lutas pela liberdade de Portugal, sob jugo das forças francesas. Em 1810 voltou para o Brasil, e dois anos mais tarde, em 1812, foi nomeado juiz-de-fora da vila de Mariana/MG, cargo que também exerceu na comarca de N. Sra. do Desterro, atual Florianópolis/SC. Transferiu-se para o Rio de Janeiro onde exerceu também o cargo de desembargador da Relação da província da Cisplatina (Mavignier, 2017).

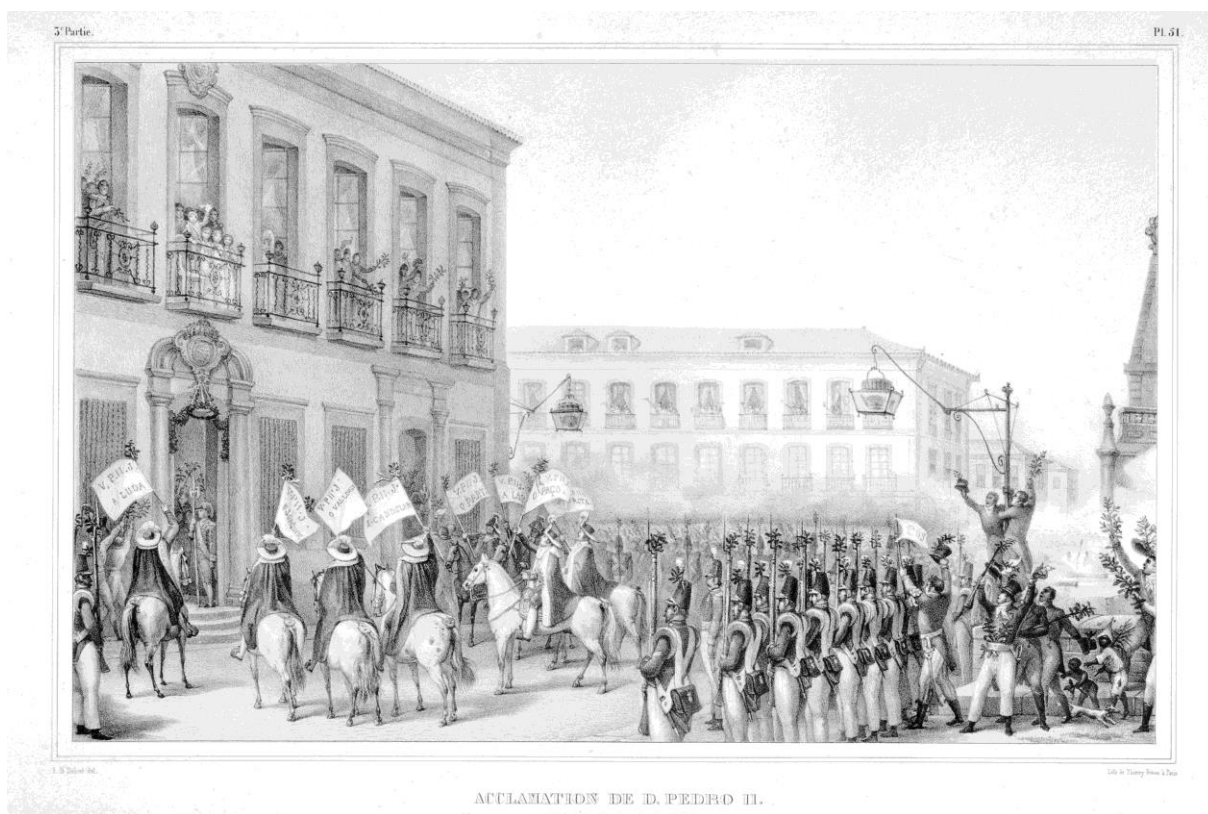
Para entendermos um pouco mais sobre a tão falada letra do *Hino ao 7 de abril*, primeira letra a ser cantada com a melodia de Francisco Manuel, precisamos conhecer um pouco mais sobre o poeta que a escreveu. Morando no Rio de Janeiro, foi eleito deputado provincial para representar o Piauí nas Cortes de Lisboa. Contudo, declinou do cargo, pois sabia dos rumos políticos que o Brasil tomava ao caminhar para a sua Independência. Em 1821, no Rio de Janeiro, fundou o periódico *O Amigo do Rei e da Nação* publicado de março a junho de 1821. Impresso na Tipografia Real, tinha linha editorial conservadora, afirmava ser protegido por Dom Pedro, defendia a continuidade do Reino Unido e a permanência de Dom João VI no Brasil. Ovídio era membro do Apostolado da Ordem da Santa Cruz, onde também estavam dom Pedro e José Bonifácio; lá, lutou pela Independência do Brasil. Na Confederação do Equador, defendeu irmãos que foram indiciados como partidários do movimento.

---

<sup>33</sup> PEREIRA, Avelino Simões. Hino Nacional Brasileiro: que história é esta? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 38, p. 21-42, jul. 1995.

Voltando ao ano de 1810, quando Ovídio Saraiva retornou para o Brasil, ele já percebeu que os portugueses, venerados nos versos de Poemas, não eram tão merecedores assim da sua atenção poética. Depois de séculos de exploração do Brasil pela Metr pole, das lutas pela Independência e do sacrifício de vidas pelo regime democrático no Império de dom Pedro I, os brasileiros forçaram a sua abdica o. Com a saída do Imperador, Ovídio Saraiva escreveu, em 1831, a primeira letra para a música de Francisco Manuel da Silva, que está dedicada “Ao Grande e Heroico dia 7 de Abril de 1831, Hino Oferecido aos Brasileiros por um seu patrício nato”, conforme nos conta Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1956) no seu livro “150 Anos de Música no Brasil (1800-1950)”. A melodia passou a ser conhecida como “Hino ao 7 de Abril” ou “Marcha da Despedida”, na abdica o de dom Pedro I. Na Figura 9, a seguir, temos o cenário do que teria sido o dia 07 de abril, na visão do artista francês Jean Baptiste Debret.

Figura 9 - Aclama o de D. Pedro II no Rio de Janeiro no dia 7 de Abril de 1831<sup>34</sup>.



Fonte: Biblioteca Brasileira.

<sup>34</sup> Obra de Debret, Jean Baptiste, 1768-1848. Viagens, vol. 3, prancha 51.

No Quadro 7, abaixo, temos a letra completa da primeira versão do Hino ao 7 de abril, escrita por Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva.

Quadro 7 - Letra completa da 1ª versão do Hino 7 de abril

<b><u>Hino Sete de Abril</u></b>	<b>Letra: Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva Música: Francisco Manuel da Silva</b>
<p>Os bronzes da tirania Já no Brasil não rouquejam; Os monstros que o escravizavam Já entre nós não vicejam.</p> <p><b><u>Estrilho</u></b><sup>35</sup> <b>Da pátria o grito Eis se desata Desde o Amazonas Até o Prata.</b></p> <p>Ferros e grilhões e forcas D'antemão se preparavam; Mil planos de proscricção As mãos dos monstros gizavam.</p> <p><b><u>Estrilho</u></b></p> <p>Amanheceu finalmente A liberdade ao Brasil ... Ah, não desça à sepultura O dia Sete de Abril.</p> <p><b><u>Estrilho</u></b></p> <p>Êste dia portentoso Dos dias seja o primeiro; Chamemos - Rio d'Abril - O que é Rio de Janeiro,</p> <p><b><u>(Estrilho)</u></b></p> <p>Arranquem-se aos nossos filhos Nomes e ideias dos lusos... Monstros que sempre em traições Nos envolveram, confusos.</p> <p><b><u>(Estrilho)</u></b></p> <p>Ingratos à bizzarria, Invejosos do talento, Nossas virtudes, nosso ouro, Foi seu diário alimento.</p> <p><b><u>(Estrilho)</u></b></p>	<p>Homens bárbaros, gerados De sangue judáico e mouro, Desenganai-vos: a Pátria Já não é vosso tesouro.</p> <p><b><u>Estrilho</u></b> Neste solo não viceja O tronco da escravidão A quarta parte do mundo Às três dá melhor lição.</p> <p><b><u>Estrilho</u></b> Avante, honrados patrícios, Não há momento a perder; Se já tendes muito feito, Inda mais resta a fazer.</p> <p><b><u>Estrilho</u></b> Uma prudente regência, Um monarca brasileiro Nos prometem venturoso O porvir mais lisonjeiro.</p> <p><b><u>Estrilho</u></b> E vós, donzelas brasílias Chegando de mães ao estado, Dai ao Brasil tão bons filhos Como vossas mães têm dado.</p> <p><b><u>(Estrilho)</u></b> Novas gerações sustentem Do povo a soberania; Seja isso a divisa delas Como o foi d'Abril o Dia.</p> <p><b><u>Repete o Estrilho</u></b></p>

Fonte: Livro – Francisco Manuel da Silva e seu tempo (ANDRADE, 1967).

Luiz Heitor (1956), baseando-se em um relato dos acontecimentos do dia 7 de Abril de 1831, dia da Abdicação de D. Pedro I a favor de seu filho, conclui que "a 7 de Abril a

<sup>35</sup> **Estrilho:** Verso ou versos repetidos no final de cada estrofe de uma composição poética ou de uma canção; refrão, refrém, ritornelo.

música fora apenas executada pelas bandas; a 14 podia ser cantada com a nova letra." Em outra parte, ele nos diz que no texto primitivo do hino oferecido aos brasileiros pelo desembargador Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, há estrofes ultrajantes para os portugueses, como:

Arranquem-se aos nossos filhos  
 Nomes e idéias dos Lusos...  
 Monstros que sempre em traições  
 Nos envolveram confusos; (...)"  
 e cujo refrão "que permaneceu incorporado à música mesmo depois de haver sido abandonada a letra alusiva à revolução de Abril", diz o seguinte:  
 Da Pátria o grito  
 Eis se desata;  
 Desde o Amazonas  
 Até o Prata (Heitor, 1950, p. 138-9).

Conforme nos conta o pesquisador e historiador Leonardo Marcondes Alves (2022), mais tarde, Ovídio Saraiva, naquela época já menos inflamado de patriotismo, refez a letra do hino com o intuito de minimizar o preconceito antilusitano, já que a primeira letra era julgada muito ofensiva aos portugueses (ver Quadro 8).

Quadro 8 - Segunda letra do Hino ao 7 de abril, reescrita por Ovídio de Saraiva.

<p>Amanheceu finalmente          A liberdade ao Brasil          Não, não vai à sepultura          O dia Sete de Abril. (3x)</p> <p><b><u>(Estribilho)</u></b>  <b>Da pátria o grito</b>  <b>Eis se desata</b>  <b>Do Amazonas</b>  <b>Até o Prata.</b>  <b>Da pátria o grito</b>  <b>Eis se desata (2x)</b>  <b>Do Amazonas</b>  <b>Até o Prata.(2x)</b></p> <p>Sete de Abril sempre ufano          Dos dias seja o primeiro          Que se chame Rio d´Abril          O que é Rio de Janeiro.(3x)</p> <p><b><u>Estribilho</u></b></p>	<p>Neste solo não viceja          A planta da escravidão;          A quarta parte do mundo          Deu às três melhor lição.(3x)</p> <p><b><u>Estribilho</u></b></p> <p>Lançados por mãos d´escravos          Não tememos ferros vis,          Ferve amor da liberdade          Até nas damas gentis.(3x)</p> <p><b><u>Estribilho</u></b></p> <p>Novas gerações sustentem          Da Pátria o vivo esplendor,          Seja sempre a nossa glória          o dia libertador.(3x)</p> <p><b><u>Estribilho</u></b></p>
---	--

Fonte: site Ensaios e Notas<sup>36</sup>.

<sup>36</sup>(Link: <https://ensaiosenotas.com/2022/12/04/100-200-anos-do-hino-nacional/>).

A partir de 1837, a partitura de Francisco Manuel da Silva começou a ser executada em todas as solenidades públicas e em 1841, para comemorar a coroação de Dom Pedro II, o hino recebeu novos versos de um autor desconhecido. Alguns autores atribuem essa letra ao próprio Ovídio Saraiva, mas sem comprovação.

Segundo Andrade (1967), era comum à época de Francisco Manuel, fazer adaptações de letras de circunstância a músicas consagradas, tivessem elas letra ou não. Assim fizeram com a música de Francisco Manuel para o Hino ao 7 de Abril. Houve, portanto, dois hinos com letras alusivas à coroação do novo imperador, ambos compostos por Francisco Manuel da Silva. O primeiro, datando de 1841, com letra de João José de Souza e Silva, que fora cantado no concerto oferecido pela Filarmônica ao Imperador, sendo ele o verdadeiro Hino à Coroação. O segundo hino entoado foi o Hino ao 7 de Abril, do qual substituíram a primeira letra por outra, alusiva à coroação, conservando apenas o estribilho. Conforme supõem Aires de Andrade, essa segunda letra era de Ovídio Saraiva. Assim ele nos conta:

O outro nada mais era que a música do antigo Hino ao 7 de Abril com letra nova sobre o acontecimento do dia, a coroação de D. Pedro II, letra esta que se supõe ser do mesmo autor da letra substituída, Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva, pelo fato de ter sido conservado o estribilho da antiga letra. (ANDRADE, 1967, p. 182).

Da primeira versão, ele manteve o refrão. A nova letra exaltava exageradamente o soberano. O poeta chamava o novo imperador de “ventura do Brasil”. O hino passou a ser chamado de Marcha Triunfal. Contudo, ainda segundo Andrade (1967), o hino à Coroação não caiu no gosto do povo e foi cantado apenas no ano da coroação e caiu logo em esquecimento. No Quadro 9, logo abaixo, está a segunda letra do Hino Nacional brasileiro.

Quadro 9 - Letra: Hino da Coroação (Marcha Triunfal)

Quando vens faustoso dia Entre nós raiar feliz, Vemos só na liberdade A figura do Brasil.	Negar de Pedro as virtudes, Seu talento escurecer, É negar como é sublime Da bela aurora o romper.	Exultai brasílio povo Cheio de santa alegria, Vêde de Pedro o exemplo Festejado neste dia.
<b>Da pátria o grito Eis se desata Do Amazonas Até ao Prata.</b>	<b>Da pátria o grito Eis se desata Do Amazonas Até ao Prata.</b>	<b>Da pátria o grito Eis se desata Do Amazonas Até ao Prata.</b>

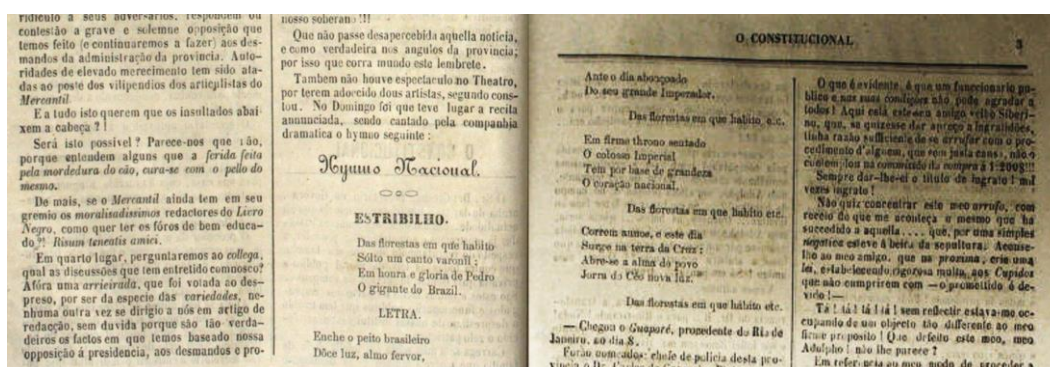
Fonte: Livro – Francisco Manuel as Silva e seu tempo (ANDRADE, 1967, p. 182).

Por determinação de Dom Pedro II, a música passou a ser considerada o Hino do Império e deveria ser tocada todas as vezes em que ele se apresentasse em público, em

solenidades civis e militares, mas sem letra. Era também tocada no exterior sempre que o imperador estivesse presente. Francisco Manuel ficou bastante famoso, recebeu vários convites para dirigir, fundar e organizar instituições musicais, mas o Brasil continuava com um hino sem letra.

Durante anos, a Biblioteca Pública de Santa Catarina guardou um segredo no seu acervo: uma versão desconhecida do Hino Nacional brasileiro. Em meados de 2018, houve a descoberta surpreendente de uma outra letra para a melodia de Francisco Manuel, dessa vez, escrita por Machado de Assis. A descoberta se deu pelo pesquisador paraense Felipe Rissato em 2018<sup>37</sup>, que o encontrou ao pesquisar documentos no acervo da Biblioteca. Segundo o pesquisador, em um anúncio no extinto "O mercantil", de 8 de dezembro de 1867, era relatado que naquele domingo aconteceria um espetáculo de gala num teatro da cidade de Desterro, antigo nome de Florianópolis. Diz o anúncio que o Hino Nacional seria executado com uma "letra adaptada pelo distinto escritor brasileiro, Senhor Machado d'Assis.", conforme a grafia da época. Para encontrar a letra da versão de Machado de Assis, o pesquisador teve que olhar outro jornal - "O Constitucional", (ver Figura 10), que, três dias depois do espetáculo, publicou as estrofes. O anúncio histórico não diz exatamente onde aconteceu o espetáculo, mas cogita-se ter ocorrido no maior teatro de Desterro na época, o São Pedro de Alcântara, que foi demolido dois anos depois, em 1869. Com seus escombros foram embora todos os vestígios da apresentação. Segundo o pesquisador Rissato, também não há nenhum registro de que Machado de Assis esteve em Desterro para assistir sua homenagem ao imperador.

Figura 10 - Recorte do Jornal "O CONSTITUCIONAL" que apresentou a letra de Machado de Assis.



Fonte : Site da Folha de São Paulo.

É importante lembrar que Machado, em 1867, aos 28 anos, ainda não era o grande Machado de Assis que conhecemos hoje, mas já era um autor conhecido. Acredita-se que não

<sup>37</sup> (LINK: <https://www.visse.com.br/versao-do-hino-nacional-composta-por-machado-de-assis-e-encontrada-na-biblioteca-publica-de-sc/>)

foi ele que ofereceu os versos, e sim a companhia dramática que os solicitou. Era comum os escritores publicarem suas poesias em folhetins e jornais de circulação.

Com a descoberta, esta é a quarta letra já feita para o Hino Nacional no período do Império. A letra de Machado tecia bajulações ao imperador Dom Pedro II (ver Quadro 10).

Quadro 10 - letra escrita por Machado de Assis.

<p><u>ESTRIBILHO</u> Das florestas em que habito Solto um canto varonil: Em honra e glória de Pedro O gigante do Brasil.</p> <p>I Enche o peito brasileiro Doce luz, almo fervor Ante o dia abençoado Do grande Imperador</p>	<p>II Em firme o trono sentado O colosso Imperial Tem por base de grandeza O coração nacional.</p> <p>III Correm anos, e este dia Surge na terra da Cruz: Abre-se a alma do povo Jorra do Céu nova luz.</p>
---	---

Fonte : elaborado pelo autor.

Em 1889 aconteceu a Proclamação da República, ação de um grupo de militares liderados pelo Marechal Deodoro da Fonseca, com o apoio de setores da elite cafeeicultora e de outros segmentos da sociedade, que derrubou a monarquia brasileira e instituiu um novo regime político republicano. Havia insatisfações com a monarquia em diferentes camadas da sociedade. Elites emergentes, militares, políticos, classes populares, escravos eram todos grupos com críticas à monarquia. Todas essas insatisfações, em algum momento na década de 1880, tornaram-se uma conspiração, sem contar a influência de ideias republicanas vindas de outros países. Embora tenha havido resistência por parte de grupos monarquistas, a República se consolidou e inaugurou um novo período na história do Brasil, com mudanças políticas, sociais e econômicas significativas.

Logo, o novo governo se empenhou em sepultar todos os legados monárquicos e substituí-los por símbolos nacionais republicanos. Nesse norte, Carvalho (1990) em seu livro “A formação das almas: o imaginário da República no Brasil” nos afirma que a república havia sido proclamada, mas que seria necessário mais do que força para sustentar o novo regime. Segundo ele, a sociedade também deveria ser convencida de que estavam no rumo certo. Assim, os republicanos começaram a reformular todos os elementos simbólicos que pudessem auxiliar nesse processo de validação do novo governo. Esses elementos deveriam diferenciar totalmente a Monarquia da República, principalmente no que poderia atestar as vantagens e a eficácia do novo regime.

Como fora dito anteriormente, a Marselhesa era tanto o hino francês como o hino dos revolucionários de todos os países que buscavam se livrar de suas monarquias, e isso não foi diferente no Brasil, pois os republicanos não tinham um hino próprio e por isso a usavam cantando-a em todas as manifestações, como nos atesta Medeiros e Albuquerque no seu livro *Quando eu era vivo: memórias 1867 a 1934*: " A data do 14 de julho era, aliás, uma dor de cabeça para o representante francês, pois os republicanos dela se aproveitavam para cantar livremente o hino libertário e combater a Monarquia (ALBUQUERQUE, 1942, p. 90 *apud* CARVALHO, 1990, p. 122).

Conforme nos contou Carvalho (1990), na França do final do século XIX já estavam tentando transformar a Marselhesa no hino da pátria e não mais o hino da revolução. Contudo, em outros países ela ainda representava um grito de guerra, de revolta e de redenção. O hino francês fez parte da história de nossa transição política e não pode deixar de ser citado, pois sua melodia harmoniosa e emocionante era para os republicanos brasileiros o próprio espírito da revolução. Contudo, existia a necessidade de dar um toque mais brasileiro ao movimento. Inacreditavelmente, em uma sessão espírita no Rio de Janeiro, o espírito de Rouget de Lisle<sup>38</sup> chegou a ditar uma Marselhesa brasileira (CARVALHO 1990, p. 124). A letra psicografada<sup>39</sup> era a seguinte:

*Livre ser!  
Livre feito!  
Clame nosso peito!  
Clame nosso peito!  
Como um trovão desfeito!  
Vivam, vivam, vivam os marciais,  
Fortes, leais!  
Vivam, vivam, os marciais.*

Entre o final de 1888 e começo de 1889, Silva Jardim<sup>40</sup>, um dos líderes do movimento republicano, procurou uma letra brasileira para a Marselhesa, pedindo ajuda a Olavo Bilac e Luis Murat, que se recusaram a colaborar, por influência de José do Patrocínio,

---

<sup>38</sup>**Claude-Joseph Rouget de Lisle** (1760 - 1836) foi oficial do exército francês em Estrasburgo. Rouget de Lisle é o autor da letra e da música do *Chant de guerre pour l'armée du Rhin*, composto em Estrasburgo na noite do 25 de abril ao 26 de abril de 1792, e que se tornou o hino nacional francês sob o nome de «la Marseillaise» (A *Marselhesa*).

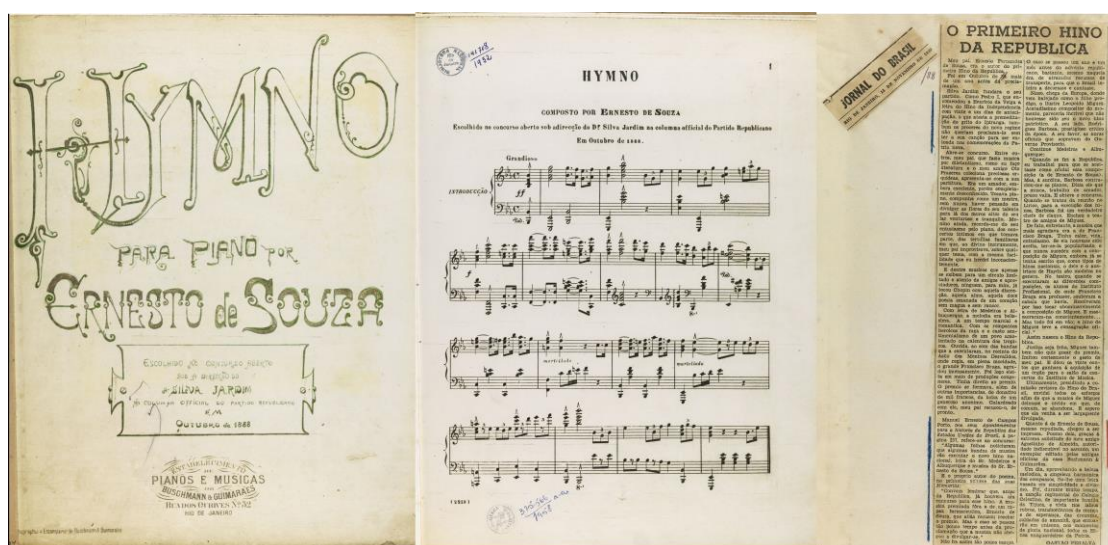
<sup>39</sup>O texto encontra-se na Biblioteca Nacional, Seção de Música, Arquivo de Agostinho D. N. D'Almeida, Coleção Ayres de Andrade e está sem data.

<sup>40</sup>Antônio da Silva Jardim (1860-1891) foi um ativista político brasileiro. Formado em Direito, defendeu principalmente as causas dos escravos. Foi o mais atuante propagandista da República.



grande líder abolicionista, que estava em plena fase “isabelista”<sup>41</sup> por conta da Lei Áurea assinada naquele ano, e que, inclusive, teria sido acusado de traição à causa republicana por Silva Jardim. Foi então que Medeiros e Albuquerque<sup>42</sup>, que atuava como professor, jornalista, escritor, político e era simpatizante da causa republicana se ofereceu para fazer a letra, que foi adotada como hino oficial do Partido Republicano, a ser cantada com a música da Marselhesa. Mesmo assim, houve um concurso, antes da Proclamação, para musicar esse texto, e a melodia que ganhou foi a do farmacêutico Ernesto de Souza, conforme nos mostra a Figura 11, que foi premiado com a quantia de mil francos, prêmio que ele se recusou a receber.

Figura 11 – Partitura do hino de Ernesto de Souza .



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional.

Com o alvoroço da mudança de regime e as promessas transformadoras tão necessárias aos olhos da população, segundo Carvalho (1990), muitos esqueceram as mais importantes tradições construídas desde a chegada dos portugueses ao Brasil. Tal como já havia ocorrido com a Bandeira Nacional, naquele momento, os republicanos, mais que nunca, pretendiam adotar um novo hino que substituísse o do Império, considerando-o, inclusive, como “o hino do ex-imperador”. O bom senso aconselharia confiar a tarefa a um compositor

<sup>41</sup>Eram chamados de isabelistas aqueles que admiravam e defendiam a princesa Isabel e seus feitos durante os seus períodos de regência.

<sup>42</sup>Medeiros e Albuquerque, autor do Hino da Proclamação da República era adepto da causa republicana, e com a instauração do Governo Provisório em 15/11/1889, foi nomeado por Aristides Lobo para o cargo de secretário do Ministério do Interior. Participou do concurso ocorrido em 20/01/1890 para a escolha do novo Hino Oficial do Brasil. Seu hino, composto em parceria com o músico Leopoldo Américo Miguez, acabou sendo utilizado como Hino da Proclamação da República. Em 1890, tornou-se professor da Escola de Belas Artes e presidente do Conservatório Dramático (1890-1892). Dois anos mais tarde, foi nomeado Vice-Diretor do Ginásio Nacional pelo então Ministro de Instrução Pública, Correios e Telégrafos, Benjamin Constant. (Link: <https://www.academia.org.br/academicos/medeiros-e-albuquerque/biografia>).

profissional, a um dos poucos e competentes maestros disponíveis da Corte. Assim, após a Proclamação da República, o Governo Provisório convidou o maestro Carlos Gomes<sup>43</sup> para compor o novo hino do Brasil; e que ele, por gratidão ao velho imperador, respondeu ao convite com um desinteressado “Não posso”, recusando-se a ser o compositor do novo hino e também a uma vultosa importância de 20.000\$000 (vinte contos de réis) oferecida pela encomenda.

Diante desse impasse e com a urgência de se ter um hino próprio para o regime republicano, dividiram-se as opiniões. Medeiros e Albuquerque defendia a obra de seu parceiro, Ernesto de Souza e queria que o hino ganhador do concurso de 1888 fosse oficializado; Rodrigues Barbosa, um crítico do *Jornal do Commercio*, propunha como saída salvadora um outro concurso para a escolha do novo hino; por sua vez, o jornalista Oscar Guanabara lutava pela permanência do antigo Hino Nacional, com a melodia de Francisco Manuel. Sobre esse episódio nos conta o próprio Medeiros e Albuquerque no seu livro “Quando eu era vivo”:

Convém lembrar que, antes da República, já houvera um concurso para esse hino. A música premiada fora a de um rapaz farmacêutico, Ernesto de Sousa, que aliás recusou receber o prêmio. Mas o caso se passou tão pouco tempo antes da Proclamação que a música não chegou a divulgar-se.

Quando se fez a República, eu trabalhei para que se aceitasse como oficial essa composição. Mas, à surdina, Barbosa contrariou-me os planos. Dizia ele que a música, trabalho de amador, pouco valia (ALBUQUERQUE, 1981, p. 117).

Assim, de forma equivocada, durante dois meses, tomou-se emprestada a Marselhesa, transformando-a em uma espécie de Hino Nacional provisório. Assim nos conta Carvalho:

No dia 15 de novembro, no entanto, foi ainda a Marselhesa que se ouviu pelas ruas, letra e música de Rouget de Lisle. O governo provisório decidiu em 22 de novembro de 1889 promover outro concurso para musicar a letra de Medeiros e Albuquerque (CARVALHO 1990, p. 124).

Todos os símbolos, imagens e rituais que surgiram a partir de 1889 eram, de fato, invenção republicana. Contudo, apenas um símbolo, o Hino Nacional, permaneceu presente

---

<sup>43</sup>Antônio Carlos Gomes (1836 - 1896) foi o mais importante compositor de ópera brasileiro. Destacou-se pelo estilo romântico, com o qual obteve carreira de destaque na Europa. Foi o primeiro compositor brasileiro a ter suas obras apresentadas no renomado Teatro alla Scala, em Milão, na Itália. É o autor da ópera *O Guarani* e patrono da cadeira de número 15 da Academia Brasileira de Música. Teve seu nome inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, em 26 de dezembro de 2017. (Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carlos\\_Gomes&oldid=67050026](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carlos_Gomes&oldid=67050026)).

no novo regime que acabara de nascer. Essa permanência não se deu com tanta facilidade. Seguindo a história contada por Murilo de Carvalho, nesse período, durante o edital do concurso e a escolha do novo hino, ocorreu um episódio que mudou a direção de todos os acontecimentos. Em 15 de janeiro de 1890 o major Serzedelo Correia preparou uma manifestação em frente ao palácio do Itamaraty para tentar promover, por aclamação do povo, os membros do governo provisório. E assim continua nos contando Carvalho (1990):

Proclamados Deodoro generalíssimo, Wandenkolk, vice-almirante, e o ministro da Guerra, Benjamin Constant, general-de-brigada, as bandas tocaram a Marselhesa e marchas militares, sem despertar o entusiasmo da pequena multidão que se aglomerava em frente ao palácio. Estabeleceu-se um clima de expectativa. Não se sabe se preparado de antemão ou espontâneo, veio o pedido para que fosse tocado o velho hino de Francisco Manuel da Silva. Serzedelo levou o apelo a Benjamin, este consultou Deodoro. Decidiu se na hora que fosse tocado o hino e que ele continuasse como hino nacional. As bandas militares, como se esperassem pelo resultado, irromperam com o popular Ta-ra-ta-ta-tchin<sup>44</sup>, para o delírio da assistência.... Houve quem chorasse ao ouvir de novo os acordes do velho hino, caro sem dúvida também aos militares que tinham lutado no Paraguai... Finda a cerimônia, as bandas saíram pelas ruas tocando o hino, acompanhadas pela população (CARVALHO, 1990, p. 124-125).

Carvalho ainda nos conta que não há registro de reação negativa à decisão de preservar o hino da monarquia. Se houve alguma manobra dos integrantes do governo, essa correspondeu sem dúvida à vontade da população e, inclusive, à vontade de grande parte dos militares, sobretudo os da marinha, que nunca se entusiasmaram com a república. Jornalistas ligados ao governo já haviam insistido que não era preciso mudar o hino, pois a música de Francisco Manuel já estava enraizada na tradição popular e já era um símbolo da nação e não de um regime político.

Realizado o concurso, Oscar Guanabarin<sup>45</sup>, influente e temido crítico de arte da época, denunciou o seu resultado em artigo publicado em 4 de janeiro de 1890. Segundo ele, na verdade, o concurso fora instituído para eleger uma composição musical, pois a letra de Medeiros e Albuquerque já havia sido previamente escolhida pelo Ministério da Justiça do novo governo. Guanabarin argumentou que para definir a letra tinham feito uma escolha e

---

<sup>44</sup>O hino de Francisco Manuel da Silva era, em geral, apenas tocado, por isso, era chamado pelo povo de “Ta-ra-ta-ta-chin”, por conta da sua sonoridade (CARVALHO, 1990).

<sup>45</sup>Oscar Guanabarin de Sousa Silva (1851-1937) foi um crítico de arte, músico e dramaturgo brasileiro. Como pianista e dramaturgo, a atividade em que mais se destacou foi, todavia, a crítica de arte periódica, que exerceu e 1879 até 1937, sendo atualmente mais conhecido justamente como o temido crítico musical que foi. Guanabarin se nos apresenta como uma figura central da vida cultural do Rio de Janeiro de sua época, os anos finais do Segundo Império e a Primeira República Brasileira (GRANGEIA, 2005).

não um concurso, para a melodia, melhor seria que também fizessem a escolha um músico profissional que fosse capaz de se inspirar na poesia escolhida e, assim, produzir um hino correto. E sugeriu, abertamente, o nome do maestro Leopoldo Miguez, que poderia aceitar a honrosa tarefa e dela fazer como fizera em outras grandiosas obras.

É importante ressaltar que este artigo de Guanabiarino, conforme podemos conferir na Figura 12, se deu onze dias antes da manifestação em que escolheram o Hino de Francisco Manuel como Hino Nacional, o que nos mostra uma possível influência da imprensa sobre as decisões do novo governo.

Figura 12 - Recorte do jornal *O Paiz*, de 04 de janeiro de 1890.

<b>O NOVO HYMNO</b>	
<p>Foi encerrado o concurso estabelecido pelo cidadão ministro do interior, para a composição do novo hino brasileiro.</p> <p>Se para a poesia desse hino não houve concurso, mas apenas escolha, do honrado cidadão, que dirige os negócios da República relativos às artes, escolheu que receia sobre a produção de um distinto poeta republicano — o logico que para a composição musical também se podia dispensar o concurso.</p> <p>Nesse caso, seria comissionado pelo governo um musico capaz de se inspirar na poesia e de produzi-la em hino correto, energico, vibrante, de rythmo nobre, com um choral distincto, instrumentado com appropriacao e capaz de despertar o sentimento de enthusiasmo que se liga a idea de patria.</p> <p>Leopoldo Miguez accitaria essa honrosa incumbencia, e o novo hino seria escrito pelo autor da ode symphonica <i>A Patria</i>, da grande <i>Symphonia em si maior</i> e da marcha electrica intitulada <i>Gungahes</i>.</p> <p>Mas, estabelecido o concurso, apresentaram-se vinte e nove producoes, quando, infelizmente, não possamos nem ser compositores, lida mesmo contando com os nacionalistas.</p>	<p>Vimos alguns trabalhos destinados ao concurso, e a nossa impressao foi a certeza de que aqueles hinos attestam a ignorancia completa, de seus autores, em materia de arte musical, procurando apenas renome aduindo pela adopcao das suas frivolas e frivolissimas melodias como hino dos Estados Unidos do Brazil.</p> <p>O hino não é uma simples convencao. A sua influencia sobre a alma popular é despertada por uma associacao de ideas. O soldado brasileiro, por exemplo, ouve todos os dias, nos seus quartéis, o <i>toque de alvorada</i>, e não se liga a menor importancia senão pela impressao disciplinar que as ordenanças de corneta lhe despertam naquelle momento; mas, se no meio das lutas, no campo da batalha, envolvido nas ondas de fumo, atordado pelos choques descompassados da artilheria e surdo ao grito dos irmãos d'armas que caem feridos pel' a projectis inimigos; se o soldado ouvisse, ao mesmo <i>toque de alvorada</i> vibrado pelo clarim-general, a influencia dessas notas sobre o seu organismo seria enthusiasmo patriótico, a alegria do triumpho, a attivez do vencedor — porque o simples toque de alvorada naquelle momento significaria e despertaria a idea associada da victoria.</p> <p>Tinhamos tres hymnos: o de <i>D. Pedro I</i>, o da <i>Independencia</i> e o <i>Nacional Brasileiro</i>. Este ultimo nunca foi considerado pelo povo como hino do ex-imperador. Era o hino nacional e elle está associada a idea de patria.</p>

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Sabia-se que o apelo de Guanabiarino não seria em vão, pois coincidia com uma firme convicção que já era notada no Marechal Manuel Deodoro da Fonseca. Assim, no dia 17 de janeiro de 1890, o Jornal do Commercio publicou uma declaração da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior no qual dizia que o hino cuja audição seria feita no Teatro Lírico em nada prejudicaria o Hino Nacional histórico de Manuel Francisco, sendo que o hino escolhido pelo concurso seria para comemorar a data da Proclamação da República, conforme o recorte apresentado pela Figura 13.

Figura 13 - Recorte do Jornal do Commercio de 17 de janeiro de 1890.

**Hymno da Republica — Comunicação-nos o seguinte :**

« Ficou adiado , para um dos dias da proxima semana , o spectaculo solemne de escolha da musica que deve servir para o Hymno da Republica, segundo o edital de concurso mandado abrir pelo Sr. ministro do interior. O spectaculo effectuar-se-ha no theatro Lyrico.

« A par do hymno nacional historico de Francisco Manoel da Silva, haverá o hymno da Republica. »

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

No Quadro 11, abaixo está a letra de Medeiros e Albuquerque que concorreu a Hino Nacional, mas se tornou o Hino da Proclamação da República.

Quadro 11 - Letra do Hino à Proclamação da República.

<p>I - Seja um pálio de luz desdobrado Sob a larga amplidão destes céus Este canto rebel, que o passado Vem remir dos mais torpes labéus!</p> <p>Seja um hino de glória que fale De esperanças de um novo porvir! Com visões de triunfos, embale Quem, por ele, lutando surgir!</p> <p><b>Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós! Das lutas na tempestade Dá que ouçamos tua voz!</b></p> <hr/> <p>II - Nós nem cremos que escravos outrora Tenha havido em tão nobre País Hoje o rubro lampejo da aurora Acha irmãos, não tiranos hostis</p> <p>Somos todos iguais! Ao futuro Saberemos, unidos, levar Nosso augusto estandarte que, puro Brilha, ovante, da Pátria no altar!</p> <p><b>Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós! Das lutas na tempestade Dá que ouçamos tua voz!</b></p>	<p>III - Se é mister que de peitos valentes Haja sangue em nosso pendão Sangue vivo do herói Tiradentes Batizou neste audaz pavilhão!</p> <p>Mensageiro de paz, paz queremos É de amor nossa força e poder Mas, da guerra, nos transes supremos Heis de ver-nos lutar e vencer!</p> <p><b>Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós! Das lutas na tempestade Dá que ouçamos tua voz!</b></p> <hr/> <p>IV - Do Ipiranga, é preciso que o brado Seja um grito soberbo de fé! O Brasil já surgiu libertado Sobre as púrpuras régias de pé</p> <p>Eia, pois, brasileiros, avante! Verdes louros colhamos louçãos! Seja o nosso País triunfante Livre terra de livres irmãos!</p> <p><b>Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós! Das lutas na tempestade Dá que ouçamos tua voz!</b></p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na tarde de 20 de janeiro de 1890 houve a escolha solene do melhor hino concorrente. Apenas quatro hinos haviam obtido classificação final. Os finalistas eram Francisco Braga, Jerónimo de Queirós, Alberto Nepomuceno e Leopoldo Miguez. Venceu o hino de Leopoldo Miguez. Deodoro e os ministros assinaram o decreto que conservava e instituía como Hino Nacional a música de Francisco Manuel e adotava, como Hino da Proclamação da República, a melodia de Leopoldo Miguez. Confirmava-se assim, entre todos, a impressão do Marechal Deodoro, que ao ouvir pela primeira vez o hino de Miguez, disse: “Gostei, mas prefiro o velho!”. E pelo que já vimos, o povo também preferia. Assim, permaneceu a melodia de Francisco Manuel como o hino oficial, conforme vemos no decreto nº 171, de 20 de janeiro de 1890.

**DECRETO Nº 171, DE 20 DE JANEIRO DE 1890.**

Conserva o Hymno Nacional e adopta o da Proclamação da República.

**O Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brazil,**  
constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação,

**DECRETA:**

Art. 1º E' conservada como Hymno Nacional a composição musical do maestro Francisco Manuel da Silva.

Art. 2º E' adoptada sob o título de Hymno da Proclamação da República a

composição musical do maestro Leopoldo Miguez, baseada na poesia do cidadão José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque.

Sala das sessões do Governo Provisório, 20 de janeiro de 1890, 2º da Republica.

Manuel Deodoro da Fonseca.

*Aristides da Silveira Lobo.*

*M. Ferraz de Campos Salles.*

*Benjamin Constant Botelho de Magalhães.*

*Demetrio Nunes Ribeiro (BRASIL, 1890).*

Assim, ao meu entendimento, parecia difícil modificar o antigo hino sem causar um certo descontentamento popular, sem contar que os republicanos precisavam se sentir vitoriosos, cederam, então, à manutenção da melodia já conhecida e consolidada. Contudo, seria necessária uma letra para o Hino Nacional, pois até àquela altura, muitas versões diferentes já tinham sido juntadas à composição de Francisco Manuel, muitas delas em adaptações mal feitas, cheias de regionalismos, com problemas de prosódia, o que fatalmente poderia comprometer a dignidade de um Hino Nacional, sem contar os desajustes rítmicos a que a música era exposta.

Uma curiosidade a respeito das várias letras do Hino Nacional é que, ainda na era imperial, havia três estrofes<sup>46</sup> que eram cantadas junto com a introdução – supostamente, de autoria do ex-presidente das Províncias do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, Dr. Américo de Moura Marcondes de Andrade (1840 – [s.d.]), mas que acabou sendo excluída da versão oficial do hino. Podemos observar que a letra de Américo Moura, mesmo sendo anterior à atual letra do Hino Nacional, também era rebuscada de palavras poéticas, das quais chamamos a atenção para “sus”, que é uma interjeição que vem do latim “*sus*” que significa "de baixo para cima"; que chama à motivação: erga-se!, ânimo!, coragem! Neste contexto é sinônimo de "em frente, avante".

*Espera o Brasil que todos cumprais com o vosso dever  
Eia! Avante, brasileiros! Sempre avante  
Gravai com buril nos pátrios anais o vosso poder  
Eia! Avante, brasileiros! Sempre avante  
Servi o Brasil sem esmorecer, com ânimo audaz  
Cumprai o dever na guerra e na paz  
À sombra da lei, à brisa gentil  
O lábaro erguei do belo Brasil  
Eia! Sus, oh, sus!*

---

<sup>46</sup>De acordo com o professor de língua portuguesa e literatura Márcio Fragoso, este trecho de autoria Américo de Moura, não foi incluída na versão oficial do hino. "É notável a diferença entre os estilos dos dois textos. Esta parte, ao contrário do resto do hino, é mais fácil de entender, pois as frases foram montadas na ordem direta", na qual oração dispõe de todos os requisitos básicos para que haja uma perfeita compreensão do enunciado linguístico, ou seja, possui: Sujeito + Predicado + Complemento. (HUERGO, 2014) e também em vídeo da Sra. Ana Arcanjo. (ALAS, 2007) (Link: <https://www.youtube.com/watch?v=HWiPQjKxEQs>).

Em 1906, o professor e político Coelho Netto<sup>47</sup> propôs à Câmara dos Deputados que fosse dado ao Hino Nacional um poema único; proposta que só se concretizou 16 anos depois.

Westin (2017), nos conta que em 1908, o Ministro da Justiça, Dr. Augusto Tavares de Lira, nomeou uma comissão para rever o Hino. A comissão era integrada por Alberto Nepomuceno, então Diretor do Instituto Nacional de Música, e dos maestros, Francisco Braga e Frederico Nascimento. Sugerida a abertura de um concurso para a escolha da melhor letra, e autorizado o governo a criar um prêmio de Dois Contos de Réis, vários poemas concorreram. A letra vencedora foi a de Joaquim Osório Duque-Estrada<sup>48</sup> (1870-1927) escrita para o concurso de 1906, mas só foi declarada vencedora três anos depois, em 1909. Contudo, a propriedade intelectual definitiva, que custou 5:000 \$ (cinco contos de réis) ou o equivalente aproximado a R\$ 180.000,00 (Cento e oitenta mil reais) em valores atualizados, só foi oficializada pelo presidente Epitácio Pessoa, por meio do decreto nº15.671, de 6 de setembro de 1922, às vésperas do I.º Centenário da Independência; portanto, quase um século depois da melodia ter sido composta.

Segundo conta suas bisnetas, Cecília e Eliza, à Folha de São Paulo, Silva (2008), Osório Duque-Estrada era muito perfeccionista, tanto que de 1909, ano de finalização do concurso para a criação da letra para o hino, até sua oficialização, em 1922, ele efetuou alterações em nove passagens sobre a versão inicial. A letra, ainda assim, não fora objeto de consenso, sendo alvo de grandes debates na imprensa e no parlamento, de forma que sua oficialização se deu de forma apressada, a fim de a sua execução pudesse se dar na comemoração do primeiro centenário da Independência, em setembro de 1922. Sobre o perfeccionismo de Duque estrada, contaram suas bisnetas:

Da história dele, outro fato interessante foi o concurso para a escolha do hino. Descobriram que, perfeccionista, o bisavô, que era jornalista, mudou ao menos nove passagens da letra original entre 1909 -quando foi anunciado o vencedor do concurso- e 1922, quando ela foi oficialmente lançada para o centenário da Independência (SILVA, 2008).

Duque-Estrada foi professor, ensaísta, crítico literário no “Correio da Manhã” e no “Jornal do Brasil”, além de imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), mas, a exemplo de Francisco Manuel da Silva, tem sua expressão máxima na poesia que é a letra do Hino

---

<sup>47</sup>Henrique Maximiano Coelho Netto foi um escritor, político e professor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras onde foi o fundador da Cadeira número 2.

(Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coelho\\_Netto&oldid=66658140](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coelho_Netto&oldid=66658140) ).

<sup>48</sup> Osório Duque-Estrada (1870–1927) Crítico, professor, ensaísta, poeta e teatrólogo. Em 1915, foi eleito para a Cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo Sílvio Romero

(Link: <https://www.academia.org.br/academicos/osorio-duque-estrada/biografia>).

Nacional. Sobre esse feito, comenta Vasco Mariz: “O poeta era Osório Duque Estrada, vate menor que entrou assim na História de braços dados com Francisco Manuel, que nunca teria sonhado, em 1831, estar escrevendo o Hino Nacional do Brasil de hoje (MARIZ, 2002, p. 22).

Foram dois os decretos que oficializaram a letra de Duque-Estrada para se juntar à melodia composta por Francisco Manuel. Em vinte e um de agosto de 1922, o Decreto nº 4.559, autorizou o Poder Executivo a adquirir a propriedade dos versos:

DECRETO Nº 4.559, DE 21 DE AGOSTO DE 1922

Antoriza, o Poder Executivo a adquirir, pela importancia de 5:000\$, no maximo, a propriedade plena e definitiva da letra do Hymno Nacional Brasileiro, escripta por Joaquim Osorio Duque Estrada, e torna-a official

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil:

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a seguinte resolução:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a adquirir a propriedade plena e definitiva da letra do Hymno Nacional Brasileiro, escripta pelo Sr. Joaquim Osorio Duque Estrada, despendendo para tal fim até a quantia de cinco contos de réis e abrindo os necessarios creditos.

Art. 2º Feita a aquisição, o Poder Executivo expedirá decreto declarando official a letra, do hymno a que se refere o art. 1º.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1922, 101º da Independencia e 34º da Republica.

EPITACIO PESSÔA.

Joaquim Ferreira Chaves. (BRASIL, 1922).

E o segundo, a seis de setembro de 1922, na véspera do dia em que se comemorou o Centenário da Independência, o Decreto nº 15.671 declarava oficial a letra de Duque-Estrada.

DECRETO Nº 15.671, DE 6 DE SETEMBRO DE 1922

Declara própria a letra do Hymno Nacional Brasileiro, escripta por Joaquim Osorio Duque Estrada.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, tendo em vista a determinação constante, do art. 2º do decreto Legislativo n. 4.559, de 21 de agosto do corrente anno, resolve declarar própria a letra do Hymno Nacional Brasileiro, escripta por Joaquim Osorio Duque Estrada e que a este decreto acompanha.

Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1922, 101º da Independencia e 34º da Republica.

EPITACIO PESSÔA.

Joaquim Ferreira Chaves.



HYMNO NACIONAL BRASILEIRO  
 ESCRITO POR JOAQUIM OSORIO DUQUE ESTRADA

Ouviram do Ypiranga as margens plácidas  
 De um povo heroico e brado retumbante  
 E o sol da liberdade, em raios fulgidos,  
 Brilhou no céu da Patria nesse instante.  
 Si o penhor dessa igualdade  
 Conseguimos conquistar com braço forte,  
 Em teu seio, ó liberdade,  
 Desafia o nosso peito a própria morte!  
 O' Patria amada,  
 Idolatrada,  
 Salve! Salve!  
 Brasil, um sonho intenso, um raio vivido  
 De amor o de esperança á terra desce  
 Si em teu formoso céu, risonho e límpido,  
 A imagem do Cruzeiro resplandece.  
 Gigante pela própria natureza.  
 E's bello, és forte, impavido colosso,  
 E o teu futuro espelha essa grandeza.  
 Terra adorada  
 Entre outras mil,  
 E's tu, Brasil,  
 O' Patria amada!  
 Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
 Patria amada,  
 Brasil;

II

Deitado eternamente em berço esplendido  
 Ao som do mar e á luz do céu profundo,  
 Fulguras, ó Brasil, florão da America,  
 Iluminado ao sol do Novo Mundo!  
 Do que a terra mais garrida  
 Teus risonhos, lindos campos têm mais flores,  
 «Nossos bosques têm mais vida»,  
 \*Nossa vida" no teu seio "mais amores".  
 O' Patria amada,  
 Idolatrada,  
 Salve! Salve!  
 Brasil, de amor eterno seja symbolo  
 O lábaro que ostentas estrelado,  
 E diga o verde-louro dessa flammula  
 - «Paz no futuro e gloria no passado».  
 Mas, si ergues da justiça a clava forte,  
 Verás que um filho teu não foge á lucta,  
 Nem teme, quem te adora, a própria morte.  
 Terra adorada  
 Entre outras mil,  
 E's tu, Brasil,  
 O' Patria amada!  
 Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
 Patria amada,  
 Brasil!(Brasil, 1922).

Na Figura 14, abaixo, está a partitura oficial do Hino Nacional com o brasão da república, ornamentado em 1922 por Teodoro Braga<sup>49</sup> (1872-1953), para a comemoração da oficialização da letra escrita por Osório Duque-Estrada.

Figura 14 - Partitura oficial do Hino Nacional com brasão da república.<sup>50</sup>

The image displays the official musical score for the Brazilian National Anthem, titled "Hino Nacional Brasileiro". At the top center is the coat of arms of the Republic of Brazil, which features a five-pointed star with a blue circle containing white stars, set against a green and gold background. Below the star is a banner with the text "ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL" and "15 de Novembro de 1889". The entire scene is framed by a decorative border of green and yellow leaves. Below the coat of arms, the tempo is marked "Allegro maestoso" and the dynamics include "PIANO", "f", "p", and "cresc.". The score consists of five systems of music, each with a treble and bass clef staff. The lyrics "Ou - -" and "Dei - -" are visible at the end of the score.

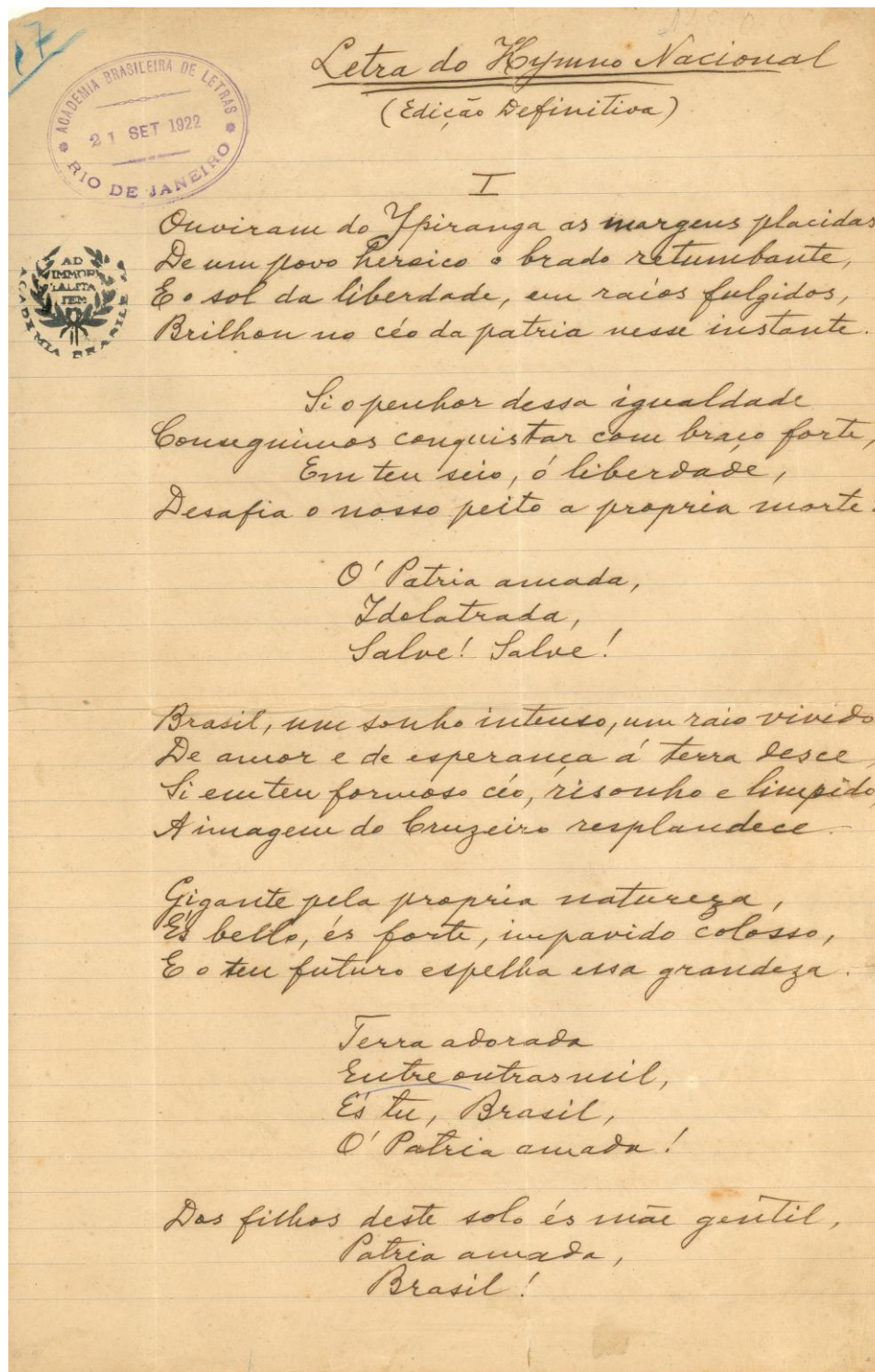
Fonte: site da Pinacoteca Nacional.

<sup>49</sup> Teodoro Braga (1872-1953) - Pintor, decorador, professor, caricaturista, historiador, geógrafo, crítico de arte e advogado paraense. (Link: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10853/theodoro-braga>).

<sup>50</sup> Partitura para piano em trabalho ornamentado em 1922 por Teodoro Braga. (Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hino\\_Nacional\\_Brasileiro&oldid=67029096](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hino_Nacional_Brasileiro&oldid=67029096)).

A Figura 15, abaixo, apresenta o manuscrito da primeira parte do Hino Nacional, escrito em 1909, pelo poeta e imortal da ABL, Osório Duque-Estrada (1870-1927).

Figura 15 – Manuscrito da Letra do Hino Nacional – Osório Duque Estrada



Fonte: site O Globo.<sup>51</sup>

<sup>51</sup> (Link: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/manuscrito-do-hino-nacional-escrito-em-1909-esta-na-abl-no-rio.html>).

No Quadro 12, logo abaixo, está a letra oficial e atual do Hino Nacional, disponível no site do Planalto Central.

Quadro 12 - Letra oficial e atual do Hino Nacional brasileiro.

<p>Ouviram do Ipiranga às margens plácidas De um povo heroico o brado retumbante, E o sol da liberdade, em raios fúlgidos, Brilhou no céu da Pátria nesse instante,</p> <p>Se o penhor dessa igualdade Conseguimos conquistar com braço forte, Em teu seio, ó, Liberdade, Desafia o nosso peito a própria morte!</p> <p>Ó Pátria amada, Idolatrada, Salve! Salve!</p> <p>Brasil, um sonho intenso, um raio vívido, De amor e de esperança à terra desce, Se em teu formoso céu, risonho e límpido, A imagem do Cruzeiro resplandece.</p> <p>Gigante pela própria natureza, És belo, és forte, impávido colosso, E o teu futuro espelha essa grandeza. Terra adorada, Entre outras mil, És tu, Brasil, Ó Pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, Pátria amada, Brasil!</p>	<p>Deitado eternamente em berço esplêndido, Ao som do mar e à luz do céu profundo, Fulguras, ó Brasil, florão da América, Iluminado ao sol do novo mundo!</p> <p>Do que a terra mais garrida Teus risonhos lindos campos tem mais flores, “Nossos bosques têm mais vida” “Nossa vida” no teu seio “mais amores”.</p> <p>Ó Pátria amada, Idolatrada, Salve! Salve!</p> <p>Brasil, de amor eterno seja símbolo O lábaro que ostentas estrelado, E diga o verde-louro dessa flâmula “Paz no futuro e glória no passado.”</p> <p>Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. Terra adorada, Entre outras mil, És tu, Brasil, Ó Pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, Pátria amada, Brasil!</p>
--	---

Fonte: Site planalto.gov.br

Após a oficialização da letra de Duque Estrada, ocorrida em 1922, o Hino Nacional passou a ser muito utilizado e reconhecido pela população como um símbolo nacional. Por conta disso, o Deputado Lourenço Baeta Neves, em 23 de junho de 1936, apresentou um projeto de lei para tornar obrigatório o canto do Hino Nacional nas escolas primárias e nos estabelecimentos de ensino normal, em todo o país. Assim, ocorreu a promulgação do Decreto nº 259, de 1º de outubro de 1936, pelo Presidente Getúlio Vargas, que além da obrigatoriedade do canto do hino nacional “nos estabelecimentos de ensino mantidos ou não pelos poderes públicos”, consagrou a orquestração elaborada por Leopoldo Miguez; a instrumentação para bandas, do 2º Tenente Antônio Pinto Junior, do Corpo de Bombeiros do então, Distrito Federal, no tom original de Bb (si-bemol), e para canto, oficializou o trabalho de Alberto Nepomuceno, em F (fá maior).

#### LEI Nº 259, DE 1º DE OUTUBRO DE 1936

Torna obrigatória, em todo o país, nos estabelecimentos de ensino na e associações de fins educativos, o canto do Hymno Nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA dos Estados Unidos do Brasil:  
Faço saber que o PODER LEGISLATIVO decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica obrigatório, em todo o paiz, nos estabelecimentos de ensino, mantidos ou não pelos poderes públicos, e nas associações de fins educativos e outros, constantes dessa lei, o canto do Hymno Nacional, de Francisco Manoel da Silva, com a letra de Joaquim Osorio Duque Estrada, officializado pelo decreto nº 15.671, de 6 de setembro de 1922, do Governo da República.

Parapho unico. A obrigatoriedade, estabelecida neste artigo, refere-se aos estabelecimentos de ensino primário, normal, secundário tecnico-profissional e ás associações desportivas, de radio-difusão e outras de finalidade educativas.

Art. 2º Ficam adotados, para execução do Hymno Nacional, de Francisco Manoel da Silva, a orquestração de Leopoldo Miguez e a instrumentação, para bandas, do 2º tenente Antônio Pinto Júnior, do Corpo de Bombeiros do Districto Federal, o tom original: de si-bemol; e, para camto, em fá, trabalho de Alberto Nepomuceno.

Art. 3º A instituição que, préviamente intimada, deixar de cumprir as determinações desta lei, terá proibido seu funcionamento pela autoridade competente.

Art. 4º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1936, 115 da independência e 48 da república.

GETULIO VARGAS

Gustavo Capanema

Arthur de Souza Costa

Vicente Ráo

Joaquim Licino de Souza Almeida

José Carlos de Macedo Soares

General João Gomes

Henrique A. Guilhem

Odilon Braga

Agamemnon Magalhães (BRASIL, 1936).

Já no início da década de 1940, conforme afirma Vasco Mariz (2002), por influência de Villa-Lobos, o governo Getúlio Vargas tentou disciplinar a interpretação do hino que vinha sendo interpretado com muitos defeitos. O Decreto-Lei nº 4545, de 31 de julho de 1942 provocou um debate no qual os desafetos de Villa-Lobos diziam até que ele pretendia substituir a obra de Francisco Manuel por uma composição dele. Abaixo estão os trechos do Decreto-Lei Nº 4.545, de 31 de julho de 1942 que versam, de forma bem detalhada, todas as

características e ações que envolvem os símbolos nacionais. Optou-se por apresentar nesse trabalho apenas os detalhes relacionados ao Hino Nacional:

#### DECRETO-LEI Nº 4.545, DE 31 DE JULHO DE 1942

Dispõe sobre a forma e a apresentação dos símbolos nacionais, e dá outras providências.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, DECRETA:

#### CAPÍTULO I DISPOSIÇÃO PRELIMINAR

Art. 1º. São símbolos nacionais:

- a) a Bandeira Nacional;
- b) o Hino Nacional;
- c) as Armas Nacionais;
- d) o Selo Nacional.

#### CAPÍTULO II DA FORMA DOS SÍMBOLOS NACIONAIS

##### SEÇÃO I Dos símbolos em geral

Art. 2º. Consideram-se padrões dos símbolos nacionais os exemplares feitos nos termos dos dispositivos deste capítulo e na conformidade dos modelos constantes dos anexos ao presente decreto-lei.

Art. 3º. Haverá nos Estados Maiores das forças armadas federais, na Casa da Moeda, na Escola Nacional de Música, nas embaixadas, legações e consulados do Brasil, nos museus históricos oficiais, nos quartéis-generais das Regiões Militares, nos comandos de unidades de terra, mar e ar, capitânicas de portos e alfândegas, e nas prefeituras municipais, uma coleção de exemplares padrões dos símbolos nacionais, afim de servirem de modelo obrigatório para a respectiva feitura, constituindo o instrumento de confronto para a comprovação dos exemplares destinados à apresentação, procedam ou não da iniciativa particular.

§ 4º Da mesma forma se procederá com o Hino Nacional, cujos modelos deverão conter a data do despacho do diretor da Escola Nacional de Música, ou, em sua falta, o sinete do comandante da Região Militar ou de seu delegado competente.

§ 5º Nenhuma fatura de importação de símbolos nacionais será visada pela autoridade consular brasileira no exterior se os exemplares dos mesmos não estiverem certos. Nas alfândegas do país serão apreendidos e inutilizados os exemplares de símbolos nacionais que estiverem em desacordo com os modelos legais.

[...]

### SEÇÃO III Do Hino Nacional

Art. 7º. O Hino Nacional é o que se compõe da música de Francisco Manoel da Silva e poema de Joaquim Osório Duque Estrada, conforme o disposto nos decretos nº 171, de 20 de janeiro de 1890, e nº 15.671, de 6 de setembro de 1922. (Anexo nº 3, música para piano; anexo nº 4, música para orquestra; anexo nº 5, música para banda; anexo nº 6, poema; anexo nº 7, música para piano e canto).

Parágrafo único. Fica integrada, nas instrumentações de orquestra e banda, para as continências de que trata a primeira alínea do art. 20 deste decreto-lei, marcha batida, já em uso, de autoria do mestre de música Antão Fernandes, e é mantida e adotada a adaptação vocal de Alberto Nepomuceno, em fá maior.

### CAPÍTULO III DA APRESENTAÇÃO DOS SÍMBOLOS NACIONAIS

[...]

### SEÇÃO II Do Hino Nacional

Art. 19. A execução do Hino Nacional obedecerá às seguintes prescrições:

I - Será sempre executado em andamento metronômico de uma semínima igual a 120.

II - É obrigatória a tonalidade de si bemol para a execução instrumental simples.

III - Far-se-á o canto sempre em uníssono.

IV - Nos casos de simples execução instrumental, tocar-se-á a música, integralmente, mas sem repetição; nos casos de execução vocal serão sempre cantadas as duas partes do poema.

Art. 20. Será o Hino Nacional executado:

- a) em continência à Bandeira Nacional e ao Presidente da República; ao Parlamento Nacional e ao Supremo Tribunal Federal, quando incorporados; e nos demais casos expressamente determinados pelos regulamentos de continência ou cerimoniais de cortezias internacionais;
- b) no encerramento das irradiações radiofônicas especialmente destinadas a países estrangeiros;
- c) no encerramento da irradiação das estações radiofônicas que funcionem no país, aos domingos e feriados;
- d) no encerramento da irradiação do Departamento de Imprensa e Propaganda, denominada Hora do Brasil, uma vez por semana;
- e) na ocasião do hasteamento da Bandeira Nacional, nos estabelecimentos, públicos ou particulares, de qualquer ramo ou grau de ensino, pelo menos uma vez por semana.

§ 1º A execução será instrumental nos três primeiros casos, será instrumental ou vocal no quarto caso, será vocal no último caso.

§ 2º É vedada a execução do Hino Nacional, em continência, fora dos casos previstos no presente artigo.

§ 3º Será facultativa a execução do Hino Nacional na abertura de sessões cívicas, nas cerimônias religiosas a que se associe sentido patriótico, e bem assim para exprimir regozijo público em ocasiões festivas.

## CAPÍTULO VI DO RESPEITO DEVIDO À BANDEIRA NACIONAL E AO HINO NACIONAL

Art. 32. Durante a cerimônia do içamento ou arriamento da Bandeira Nacional, nas ocasiões em que ela se apresentar em marcha ou cortejo, assim como durante a execução do Hino Nacional, é obrigatória a atitude de respeito, conservando-se todos de pé e em silêncio.

§ 1º Farão os militares a continência regulamentar.

§ 2º Os civis, do sexo masculino, descobrir-se-ão. Poderão os civis, de ambos os sexos, colocar a mão direita espalmada ou o chapéu sobre o coração.

§ 3º Os estrangeiros não poderão eximir-se do comportamento determinado no presente artigo.

§ 4º E' vedada qualquer outra forma de saudação que não as mencionadas neste artigo.

## CAPÍTULO VII - DAS PENALIDADES

Art. 35. Incluem-se entre os crimes de que trata o art. 3º do decreto-lei nº 431, de 18 de maio, de 1938, e serão punidos com a pena de seis meses a um ano de prisão, os seguintes; I. Praticar, em lugar público, ato que se traduza em menosprezo, vilipêndio ou ultraje a qualquer dos símbolos nacionais.

Parágrafo único. Imposta a multa, e uma vez homologada a sua imposição pelo juiz, que poderá proceder a uma instrução sumária, no prazo de dez dias, far-se-á a respectiva cobrança, ou a conversão em pena de detenção, na forma da lei penal.

## CAPÍTULO VIII DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 38. É obrigatório o ensino do desenho da Bandeira Nacional e do canto do Hino Nacional em todos os estabelecimentos, Públicos ou particulares, de ensino primário, normal, secundário e profissional.

Art. 39. Ninguém poderá ser admitido ao serviço público sem que demonstre conhecimento do Hino Nacional.

Art. 41. O Ministério da Educação e Saúde fará a edição oficial definitiva de todas as partituras do Hino Nacional e bem assim promoverá a gravação em discos de sua execução instrumental e vocal.

Art. 42. Incumbe ainda ao Ministério da Educação e Saúde organizar concursos entre autores nacionais para a redução das partituras de orquestra do Hino Nacional para orquestras restritas.

Art. 44. Este decreto-lei entrará em vigor na data da sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.



Rio de Janeiro, 31 de julho de 1942, 121º da Independência e 54º da República.

GETULIO VARGAS (BRASIL, 1942, p. 12155).

É vasto o material encontrado sobre esse assunto, e de uma maneira geral, os autores que trabalham com o Hino Nacional não se dão conta das tensões, conflitos e contradições que o tema sugere.

Com o passar do tempo, os símbolos nacionais precisaram de atualizações. Abaixo estão algumas das atualizações ocorridas depois de 1942.

1968 – Recebe atualizações pela Lei Nº 5.443, de 28 de maio de 1968.

1971 - Recebe atualizações pela Lei Nº 5.700, de 1 de setembro de 1971.

1992 - A lei dos Símbolos Nacionais do Brasil recebe as atualizações através da Lei Nº 8.421, de 11 de maio de 1992. Atualmente vigorando, devido a criação de novos estados pela Constituição Brasileira de 1988.

2009 - O Congresso Nacional decretou a lei 12.031 que incluiu o parágrafo único no artigo 39 da Lei dos Símbolos Nacionais, tornando obrigatória a execução do Hino Nacional, uma vez por semana, nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental em todo o país.

O reconhecimento do Hino Nacional como um dos símbolos da República Federativa do Brasil está disposto no parágrafo primeiro do artigo 13 da constituição federal de 1988:

Art. 13. A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.

§ 1º São símbolos da República Federativa do Brasil a bandeira, **o hino**, as armas e o selo nacionais.

§ 2º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão ter símbolos próprios. (BRASIL, 1988, p. 1, grifo meu).

O Hino Nacional brasileiro tem uma data comemorativa que é celebrada anualmente no dia 13 de abril. A escolha da data é uma referência ao fato de que a melodia de Francisco Manuel da Silva fora tocada pela primeira vez em 13 de abril de 1831, o que aconteceu no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro.

## 4 CURIOSIDADES SOBRE O HINO NACIONAL BRASILEIRO

### 4.1 Sobre a música

O Hino Nacional é um dos grandes símbolos do Brasil, e como tal, está sempre rodeado de especulações e rumores enigmáticos. Um desses rumores é a possível situação de plágio de algumas partes. São muitos os comentários sobre a fragilidade das composições de Francisco Manuel, sendo o “Hino Nacional” sua composição mais robusta e conhecida. O compositor do Hino Nacional exerceu as funções de copista e arquivista da corte entre os anos de 1821/1822. Por suas mãos, passaram e foram copiadas, de forma exaustiva, grandes obras como a Sonata N° 1 em Lá Menor, da Centone di Sonate, de Niccolò Paganini (1782-1840); Sinfonia N° 3 (Eroica) de Ludwig van Beethoven (1770-1827), dentre várias outras obras, inclusive do próprio mestre, Pe. José Maurício Nunes Garcia, que costumava usar temas de compositores como Haydn, Mozart e Rossini nas suas lições.

São duas as obras do Pe. José Maurício nas quais Francisco Manuel da Silva pode ter se inspirado para compor o nosso Hino Nacional. A primeira delas é a Lição n° 5, do “Método de pianoforte”, conforme Figura 16, logo abaixo:

Figura 16 - Trecho da Lição n° 5 - Pe. José Maurício

The image displays two systems of musical notation for a piano piece. The first system begins at measure 25, and the second system begins at measure 29. Both systems are written in a key signature of one sharp (F#) and use a common time signature. The treble clef part features a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the bass clef part provides a rhythmic accompaniment with chords. Red boxes highlight specific melodic phrases in the treble clef of both systems, which are noted as being similar to the Brazilian National Anthem.

Fonte: Método de pianoforte - 2ª Parte: lição 5

A lição n° 5 do Pe. José Maurício, por sua vez, foi inspirada na abertura da ópera “O Barbeiro de Sevilha”, de Rossini, Figura 17.

Figura 17 - Trecho da Introdução do Barbeiro de Sevilha - Giacomo Rossini

86

93

97

Ob.

viola *cresc.*

*p*

*Cantabile*

*Fl.*

*cresc.*

Fonte: Site scorser.com<sup>52</sup>

A segunda possível inspiração é a obra Matinas – Missa de Nossa Senhora da Conceição, no 7º responsório, composta por volta de 1810. É desta peça sacra, para coral, segundo rumores, que Francisco Manuel extrai a parte “cantada” do Hino Nacional. Na Figura 18 abaixo, temos o trecho inicial da obra de Pe. José Maurício, citada acima.

Figura 18 - Pequeno trecho das Matinas de Nossa Senhora da Conceição – 7º responsório.

9

S.

A.

T.

B.

*mf*

Be - a - tam me di cent om - nes ge - ne - ra - ti o - nes

*mf*

Be - a - tam me di cent om - nes ge - ne - ra - ti o - nes

*mf*

Be - a - tam me di cent om - nes ge - ne - ra - ti o - nes

*mf*

Be - a - tam me di - cent om - nes ge - ne - ra - ti o - nes

Fonte: Matinas da Conceição - CPM 174 - Edição: Antônio Campos

<sup>52</sup> (Link: <http://pt.instr.scorser.com/CC/Todos/Gioachino+Rossini/II+barbiere+di+Siviglia.html>.)

Podemos observar, nos compassos 14 a 16, a grande semelhança com o início da parte cantada no “Hino Nacional”, conforme pode ser observado na Figura 19, abaixo, nos compassos 17 a 19.

Figura 19 - Início da parte cantada do Hino Nacional

13  
Ou - vi - ram do I - pi - ran - ga as mar - gens plá - ci - das De um po - vo - he - rei - cu - lu - do - re - tun -  
Dei - ta - do e - ter - na - men - te em ber - ço es - plên - di - do, Ao som do mar e à luz do céu pro -  
19  
ban - te. E o sol da Li - ber - da - de em ra - ios fúl - gi - dos, Bri - lhou no céu da Pá - tria nesse ins - tan - te. Se o pe - nhor des - sa i - gual -  
fun - do, Ful - gu - ras, ó Brasil, flo - rão da A - mé - ri - ca, I - lu - mi - na - do ao sol do No - vo Mundo! Do que a ter - ra - mais gar -

Fonte: Fundação Nacional de Artes – Funarte

Composta na mesma época, outra obra também apresenta trecho bem parecido com o início da introdução do hino de Francisco Manuel. Trata-se da ópera *Don Sanche*, ou *Le château de l'amour*, ópera em um ato composta entre 1824 e 1825 por Franz Liszt, ainda em sua adolescência. A semelhança musical está na ária "*Aimer, aimer voilà*" - *Don Sanche*, Parte I, Cena III, considerada a ária mais notável da obra pelo musicólogo e biógrafo de Liszt, Alan Walker<sup>53</sup>. Observe, na Figura 20 abaixo, nos compassos 22 a 24 e compassos 26 a 28 a semelhança com o trecho apresentado na Figura 21, compassos 2 a 4 da introdução do Hino Nacional do Brasil.

Figura 20 - Partitura de Don Sanche – Liszt

21 *Allegro moderato*  
- mer. ai - - mer. voi - là - tou - te - sa gloire: ai -  
25  
- mer. ai - - mer. voi - là - tout - mon - bon - heur Et quand cé -

Fonte: Canal Youtube<sup>54</sup>

<sup>53</sup> Walker, Alan. *Franz Liszt: Os anos virtuosos (1811-1847)*. Nova York: Cornell University Press, 1987. (p. 115-116).

<sup>54</sup> (Link: <https://www.youtube.com/watch?v=qcmOqcRUSZ0&t=737s>).

Figura 21 - Introdução do Hino Nacional Brasileiro

The image shows a piano score for the introduction of the Brazilian National Anthem. It is in 4/4 time with a tempo of quarter note = 120. The key signature has one flat (B-flat). The score consists of two systems. The first system starts with a piano (Piano) marking and a fortissimo (ff) dynamic. It features a melodic line with trills (tr) and a bass line with chords. A red box highlights a section of the first system where the melody changes and the dynamic is marked mezzo-forte (mf). The second system starts with a fortissimo (ff) dynamic and a red box highlights the beginning of the piece, marked with a forte (>f) dynamic. The piece concludes with a mezzo-forte (mf) dynamic.

Fonte: site evertonbackes.com

Outra obra que apresenta muita semelhança com a melodia de Francisco Manuel e que não poderia deixar de ser citada é o “Glória” da Missa Breve de Marcos Portugal, composta em 1824. A introdução e os interlúdios são muito parecidos com a introdução do hino de Francisco Manuel, tanto no ritmo quanto na melodia, conforme podemos verificar na Figura 22, abaixo, e comparar com a introdução do hino Nacional na Figura 21, logo acima.

Figura 22 - Partitura do Glória da Missa Breve<sup>55</sup> de Marcos Portugal.

The image shows a woodwind score for the Gloria from the Short Mass by Marcos Portugal. The tempo is marked "Allegro molto imperioso e con brio". The score includes parts for Flute I (Fl. I), Flute II (Fl. II), Oboe (Ob.), Clarinet I (Cl. I), Clarinet II (Cl. II), and Bassoon I-II (Fag. I-II). The key signature has one flat. The score is divided into two systems. The first system starts with a mezzo-forte (mf) dynamic and a first ending (1. as.) marking. The second system starts with a forte (f) dynamic. Red boxes highlight specific sections of the score, showing similarities in rhythm and melody between the instruments.

Fonte: musicabrazil.org.br<sup>56</sup>

<sup>55</sup> A missa breve, pode ser assistida no Youtube, regida por Ligia Amadio (2015), conforme o link a seguir. (Link: [https://www.youtube.com/watch?v=AHIXM\\_OzMCQ](https://www.youtube.com/watch?v=AHIXM_OzMCQ)).

<sup>56</sup> (Link: <https://musicabrazil.org.br/partituras/marcos-portugal-missa-breve>)

São inúmeras as possibilidades acerca desse assunto. Francisco Manuel pode, sim, ter copiado todo um trecho da música de seu professor, por simples má fé, até mesmo porque o padre José Maurício tinha falecido a pouco tempo, em 1830; nesse caso seria plágio. Outra possibilidade é a de Francisco Manuel simplesmente ter feito uma homenagem ao padre, inserindo um “comentário musical” em seu hino. Essa era uma prática muito comum na época, haja vista que o próprio padre José Maurício utilizou a obra de Rossini na sua lição nº 5, sem contar que foram apenas 3 compassos. Uma outra grande possibilidade é a de que Francisco Manuel pode ter sido traído pela sua memória e, como ouviu, copiou e estudou tanto as músicas do seu professor, não percebeu estar usando um trecho composto por ele; poderia ser um plágio involuntário. E ainda, o Padre José Maurício pode ter dado o tema para seu aluno, Francisco Manuel, desenvolver, o que não é raro no meio artístico composicional, principalmente à época da composição, e assim ele teria chegado ao tema do hino.

Ao pesquisar sobre o assunto, ouvindo e analisando as músicas em questão, percebe-se que pode se tratar de uma reverberação de escuta, ou um “eco mental”, considerando-se que naquela época não havia outra forma de se ouvir música a não ser ao vivo, sem repetições ou apreciação a qualquer momento como nos dias atuais, isso se o próprio ouvinte não fosse o músico que a produzisse. Sem contar, também, nesta altura, que as atividades musicais eram intensas e, de certa forma, efêmeras, o que nos reforça a ideia do eco mental. Assim, a ideia de plágio musical na época da composição era muito diferente.

Para situarmos melhor a questão de plágio no Hino Nacional, é importante entendermos a evolução histórica dos Direitos Autorais. Assim, o direito de autor, como conhecemos hoje, é o resultado de uma complexa evolução histórica. Enquanto algumas correntes foram associadas à invenção da imprensa por Gutenberg no século XV, outras argumentaram que suas raízes remontam à antiguidade, com base nas ideias de autores como Sócrates e Cícero na Grécia e Roma antigas. No entanto, o verdadeiro marco na declaração do direito de autor ocorreu com a introdução da imprensa na Europa, permitindo a reprodução em larga escala. A Revolução Francesa e o Iluminismo contribuíram para o desenvolvimento do conceito, levando à promulgação da primeira lei de direito de autor na Inglaterra, em 1710. As ideias se transformaram ao longo dos séculos, culminando na Convenção de Berna em 1886, que continua a regular os direitos autorais, agora em nível internacional.

A primeira legislação relativa aos direitos autorais no Brasil foi a Lei nº 496, estabelecida em 1898, e conhecida como Lei Medeiros e Albuquerque, em homenagem ao seu autor. Essa lei incorpora dispositivos importantes e contemporâneos, vários dos quais estão presentes em nossa legislação vigente. Com o decorrer dos anos, as disposições relativas ao

direito de autor presentes no Código Civil entraram em choque com o avanço dos meios de comunicação e reprodução de sons e imagens, levando à promulgação de diversas leis e decretos para abordar essas questões conflitantes. Isso resultou em uma multiplicidade de instrumentos legais, tornando crucial a unificação de toda a legislação em uma única lei. Assim, a Lei nº 5.988, promulgada em 14 de dezembro de 1973, representou um marco indiscutível na história dos direitos autorais no Brasil.

Finalmente, o Brasil editou em 19.02.1998 a Lei nº 9.610, a Lei Brasileira de Direitos Autorais. Para selarmos tal entendimento, vamos ao que nos dispõe sobre o plágio, a Lei 9610/98, no Cap. IV, Art. 46, item VIII:

Não constitui ofensa aos direitos autorais: VIII – a reprodução, em quaisquer obras, de pequenos trechos de obras preexistentes, de qualquer natureza, ou de obra integral, quando de artes plásticas, sempre que a reprodução em si não seja o objetivo principal da obra nova e que não prejudique a exploração normal da obra reproduzida nem cause um prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores (BRASIL, 1998, p. 3).

Como podemos ver, não existe uma conclusão sobre o assunto, mas os comentários acerca de cópia na composição de Francisco Manuel reverberam constantemente no meio histórico musical.

## **4.2 Sobre a letra**

Ensinado já na educação básica, o Hino Nacional brasileiro é conhecido por ter uma escrita muito rebuscada e com frases dispostas em ordem invertida, característica muito trabalhada em aulas de português em todo país. Assim avalia Cláudio Mello Sobrinho, lexicógrafo da ABL, que em entrevista concedida ao Ministério da Educação, nos diz:

Tenho a impressão de que essa característica pode ser encontrada em outros hinos. O da Argentina também é assim, bem como o do Uruguai e da Colômbia. Eles são construídos em uma época e passam a ser o símbolo de uma nação. Não podem ser trocados a cada momento... (BRASIL, 2016).

Mello Sobrinho ainda explica que a linguagem usada em uma música pode ser explicada pelo momento em que ela foi escrita, assim como pelas referências do autor. Duque Estrada era um poeta do Romantismo, com algumas influências do Parnasianismo. Dessa forma, a letra do Hino Nacional é toda invertida, cheia de imagens que remetem ao período romântico, com descrições da natureza, mas ao mesmo tempo, tem uma estrutura sistêmica extremamente elaborada, que é uma característica dos parnasianos.

Sobre as características românticas do Hino Nacional, observamos que *A Canção do Exílio* pode ter sido amplamente recriada e parodiada. As palmeiras, o sabiá, as nossas estrelas, os nossos bosques, cantados pelo poema, ganharam um valor simbólico que, sem nenhuma dúvida, caiu no gosto popular brasileiro. Dois versos da *Canção do Exílio* estão citados no Hino Nacional Brasileiro. No poema:

*Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.*  
(*Gonçalves Dias*)

Também na letra do Hino Nacional brasileiro, de Joaquim Osório Duque Estrada, os versos abaixo remetem, de modo flagrante, ao poema de Gonçalves Dias:

*Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores:  
“Nossos bosques têm mais vida”  
“Nossa vida mais amores.”*

Os versos “Nossos bosques têm mais vida,/Nossa vida mais amores” pertencem à “*Canção do Exílio*” de Gonçalves Dias e os encontramos entre aspas no Hino Nacional. O primeiro verso aparece na íntegra no Hino e o segundo, com adaptação: “nossa vida” no teu seio “mais amores”. A inclusão do poema *Canção do Exílio* no nosso Hino vem comprovar o quanto foi receptiva e popular a obra do poeta Gonçalves Dias. Vale lembrar que a letra do Hino Nacional (1909) foi escrita muito depois que Gonçalves Dias criou seu poema, em 1843.

A história posterior da República confirmou as raízes populares do hino imperial, agora com a nova letra, popularizada como o “Virundum”. Segundo Carvalho (1990), historiador e diretor do Arquivo da ABL, o hino acabou ganhando o apelido de “Virundum”, derivando de “Ouviram do...”, talvez por conta da linguagem rebuscada que recebeu de Duque-Estrada.

Outra grande discussão sobre a letra de Osório Duque Estrada é o vocabulário. Considerado rebuscado, muitas palavras são desconhecidas pela grande maioria dos brasileiros. No Quadro 13, logo abaixo, estão algumas delas com seus significados:



Quadro 13 - Significados de palavras da letra do Hino Nacional:

- Ipiranga – rio onde às margens D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil.
- Plácidas – calmas, serenas, tranquilas.
- Brado – grito forte.
- Retumbante – som que provoca eco.
- Fúlgidos – brilhante, cintilante.
- Penhor – garantia e segurança de liberdade.
- Idolatrada – amada, cultuada.
- Vívido – intenso, tem vivacidade.
- Formoso – belo, bonito, lindo.
- Límpido – claro, puro, transparente, não está poluído.
- Cruzeiro – Constelação de estrelas do Cruzeiro do Sul.
- Resplandece – brilha, ilumina.
- Impávido – corajoso, destemido, valente.
- Colosso – grandes dimensões.
- Espelha – reflete.
- Gentil – acolhedor, generoso.
- Fulguras – brilhar, despontar, reluzir.
- Florão – flor de ouro.
- Garrida – enfeitada, florida.
- Lábaro – bandeira, estandarte.
- Ostentas – mostra com orgulho.
- Flâmula – bandeira.
- Clava – arma primitiva de guerra, porrete, tacape.

Fonte: elaborado pelo autor.

### 4.3 Fantasia de Gottschalk

A Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro, assim é chamada a "Fantasia sobre o Hino Nacional Brasileiro", uma peça musical composta por Louis Moreau Gottschalk, um pianista e compositor norte-americano do século XIX. Gottschalk ficou conhecido por obras que incorporam elementos da música latina e brasileira em seu repertório, e essa fantasia é um exemplo notável desse estilo. A composição foi escrita durante sua estadia no Brasil, em meados do século XIX, entre 1869 e 1870 período em que ele se encantou com a cultura musical local, absorvendo influências da música popular brasileira, em especial do Hino Nacional do Brasil. Então, ele criou uma peça com variações que usa o Hino Nacional de Francisco Manuel da Silva como base, incorporando elementos de samba, modinha e outros gêneros musicais brasileiros.

A “Fantasia” de Gottschalk é uma demonstração brilhante de sua habilidade como pianista e sua capacidade de fundir elementos culturais diferentes em sua música. A peça se destaca por sua virtuosidade pianística, com passagens rápidas e ornamentos desafiadores. Além disso, incorpora variações engenhosas e interpretações inovadoras do Hino Nacional brasileiro, tornando-o uma obra única e interessante. Pode-se dizer que a Fantasia é uma prova do fascínio de Gottschalk pela música brasileira e do seu desejo de incorporar elementos dessa cultura em sua obra. Ela continua sendo uma parte importante do repertório

de piano e é apreciada tanto por sua beleza musical quanto por seu contexto histórico como uma representação da influência cultural do Brasil sobre um compositor estrangeiro.

Contudo, há referências de que Gottschalk a compôs em um momento no qual a pátria precisava se reforçar durante a guerra do Paraguai, dessa forma, procuraram criar heróis nacionais e muitas obras artísticas que evidenciavam o poder do imperador e da nação. Assim nos contam Lilia Schwarcz e Heloísa Starling no livro “Brasil: uma biografia”:

Talvez pela primeira vez um sentido positivo de "pátria" tenha começado a se desenvolver, em especial no início da guerra, com os batalhões de voluntários e as primeiras vitórias. A bandeira começou a ser hasteada de modo sistemático, o imperador virou o líder da nação empenhado em conseguir apoio dos dois partidos, e surgiram os heróis nacionais: Caxias, Osório, Barroso. Além disso, os artistas Pedro Américo e Victor Meirelles iriam realizar uma espécie de pintura patriótica e elevatória, tendo como tema as batalhas.[...] Ainda: o músico norte-americano Louis Moreau Gottschalk compôs a fantasia em torno do Hino Nacional e fez um concerto gigantesco no Rio de Janeiro, enquanto o poeta romântico Bernardo Guimarães compôs o "O adeus do voluntário" (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 299).

Sua estreia se deu num concerto em 1869, no Rio de Janeiro, tendo sido executada por 650 músicos. A obra foi muito executada por Guiomar Novais e por Eudóxia de Barros, grandes pianistas brasileiras, e tornou-se, de certa forma, mais popular quando utilizada pela Rede Globo durante o funeral de Tancredo Neves e em propagandas eleitorais do Partido Democrático Trabalhista - PDT.

Em 1973, a Comissão Nacional de Moral e Civismo abriu um processo para verificar se a obra deveria ser banida do território nacional, por, supostamente, ferir a lei 5.700/1971, já que considerava a obra de Gottschalk um arranjo musical do Hino Nacional, o que era proibido pela referida lei. Após alguns anos, o processo foi encerrado e prevaleceram os pareceres de músicos que conseguiram explicar a diferença entre arranjo e variação à comissão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar da trajetória de um símbolo como o Hino Nacional brasileiro não foi tarefa tão fácil. Com quase dois séculos de existência a serem especulados, foi um trabalho cheio de desafios, mas com descobertas riquíssimas, permeadas de velhos fatos novos, alguns deles que ficarão suspensos no imaginário, pois não foram possíveis de serem esclarecidos por conta do tempo e do apagar dos rastros. Debruçar-me sobre esta obra foi extremamente prazeroso, pois foi possível situá-la no tempo e no espaço; se antes eu gostava do hino, hoje eu tenho verdadeira paixão. Pudera eu, ao exemplo de Francisco Manuel, compor uma melodia tão significativa e marcante, mesmo que fosse a minha única, e ainda mais se essa composição perdurasse pelos séculos vindouros.

Criticar historicamente a origem do hino e suas transformações é tão necessário quanto saber sua melodia e sua letra. Eu percebo pelas mídias, redes sociais, em eventos sociais ou em quaisquer circunstâncias nas quais o Hino Nacional é executado ou reproduzido, que há um grande encantamento e emoção do povo, mas é notório que a grande maioria das pessoas tem dificuldades para cantá-lo. A melodia é “erudita”, apresenta certo grau de dificuldade para execução, sem contar a letra, com suas palavras rebuscadas e desconhecidas. Foi a partir dessa observação que surgiu a necessidade de entender que música é essa, que mesmo sendo historicamente desconhecida e apresentando tantas dificuldades de compreensão, permaneceu e se consagrou em nossa história.

São muitas as curiosidades que envolvem o nosso hino, a começar do seu compositor, Francisco Manuel da Silva, do qual é a obra mais conhecida e importante, mas que nem a data e a motivação da composição se sabe com certeza absoluta. Assim como todas as obras que se consagram, o nosso “Hino” carrega muitas histórias e mitos ao redor de si, e foram alguns desses muitos “detalhes” que eu procurei expor e, dentro das possibilidades, esclarecer.

No início da pesquisa, eu não imaginava o que viria pela frente; cheguei a pensar que não encontraria informações suficientes para desenvolver minha pesquisa. Contudo, nesta altura, posso até dizer que consegui traçar um pouco desse curso, conforme era o objetivo do trabalho, principalmente no que tange ao momento de transição do regime monárquico para o republicano e que, apesar de existirem muitas especulações e histórias truncadas, foram reunidos elementos que podem direcionar o entendimento do leitor, e também aguçar a sua curiosidade, assim como aconteceu comigo.

O trabalho foi dividido em três etapas: na primeira, apresento a concepção de hino, citando alguns dos mais antigos ao redor do mundo, focando, principalmente, no sentido que cada um deles tem, procurando, dessa forma, referendar o que eles representam para as nações das quais são símbolos. Conforme nos diz a historiadora Lilian Aguiar (2018), no site Brasil Escola<sup>57</sup>: “a canção que representa uma nação, como é o caso do Hino Nacional do Brasil, exalta fatos acontecidos que simbolizam as lutas pelas quais ela passou”. O nosso hino carrega a identidade do nosso povo. No segundo momento, discorro sobre Francisco Manuel da Silva, o compositor da melodia forte e exótica que perpassou por várias etapas da história do país. Francisco Manuel ficou conhecido por ser o compositor do hino, mas sua história, que hoje passa despercebida por muitos, é recheada de lutas e conquistas para o cenário musical do Brasil em um momento em que tudo precisava ser construído. Dentre seus muitos feitos, o seu maior mérito foi a fundação do Conservatório do Rio de Janeiro, que deu origem à atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E para finalizar, a história do Hino Nacional, o principal assunto da pesquisa, na qual apresento o caminho que vai desde a saída de Pedro I, passando pela coroação de Pedro II, a transição do Império para República, a transformação de “Ta-ra-ta-ta-chin” para “Virundum”, quando do concurso para escolher uma letra, sendo escolhida a de Osório Duque-Estrada, até chegar ao que conhecemos.

O Hino Nacional é um ícone que a nação abraça e acolhe como símbolo de representação do pertencimento nacional, tanto que em vários momentos da nossa história essa melodia serviu de fundo para extravasar a emoção cívica de multidões em praça pública, como nos momentos de oposição aos governos militares; na morte de Tancredo Neves, o primeiro presidente eleito após a ditadura; além de representar o Brasil em cerimônias e eventos esportivos ao redor do mundo. Contudo, não podemos deixar de falar do mau uso por políticos extremistas, que se apropriam dos símbolos da pátria de forma indiscriminada para dar vãs e legitimidade aos seus intentos, como aconteceu durante a ditadura militar, a partir do golpe de 1964 e também recentemente, durante o governo Bolsonaro. Por sorte, a infalível lei do tempo faz com que as situações não pertencentes à natureza do símbolo deixem de existir, perdurando, assim, apenas o que de fato é importante.

Concluo, assim, que não há outra coisa que se pede de um símbolo nacional a não ser a capacidade de traduzir o sentimento do seu povo e gerar vínculo com sua nação.

---

<sup>57</sup> Link: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/hinonacionaldobrasil.htm> > Acesso em: 26 jun. 2018.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA (ABM). **Francisco Manuel da Silva**, patronos:, [s.d.]. Disponível em: <https://abmusica.org.br/academicos/#patronos>. Acesso em: 5 maio. 2019.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Academia\\_Brasileira\\_de\\_M%C3%BAAsica&oldid=66573114](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Academia_Brasileira_de_M%C3%BAAsica&oldid=66573114)>. Acesso em: 10 set. 2022.
- AGUIAR, Lilian Maria Martins de. "Hino Nacional do Brasil". **Site Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/hinonacionaldobrasil.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2018.
- ALAS, Persio. Introdução do Hino Nacional Brasileiro -Vídeo Original. YouTube, 7 set. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HWiPQjKxEQs>. Acesso em 20 abr. 2021.
- ALMEIDA, Renato. **História da música brasileira**. 2. ed. (corrig. e aum. com 181 textos musicais). Rio de Janeiro: Briguet & comp., 1942.
- AMADIO, Lígia. Marcos Portugal: Missa Breve -Vídeo Original. YouTube, 19 set. 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=AHIXM\\_OzMCQ](https://www.youtube.com/watch?v=AHIXM_OzMCQ). Acesso em 03 dez. 2023.
- ANDRADE, Ayres de. **Francisco Manuel da Silva e seu tempo: 1808-1865: uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. v. 1 e 2.
- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira**. 2. ed. São Paulo; Ed. Martins; 1965.
- AZEVEDO, Luiz Heitor C. **150 Anos de música no Brasil (1800-1950)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.
- BARLÉU, Gaspar. **O Brasil holandês sob o conde João Maurício de Nassau**. Tradução e notas de: Cláudio Brandão. Brasília: Senado Federal, 2005. (Edições do Senado Federal, 49). 432 p.
- BRASIL. **Carta de Lei de 25 de Março de 1824** -. Constituição Política do Império do Brasil. Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, v. 1, p. 7, 1824.
- BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, 1988, s. 1., p. 1.
- BRASIL. **Decreto n. 238, de 27 de novembro de 1841**. Concede à Sociedade de Música dessa Corte duas loterias anuais por espaço de oito anos, para o fim de estabelecer nesta

mesma Corte um Conservatório de Música. *In*: Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, tomo 4, parte 1, p. 63, 1842.

BRASIL. **Decreto n. 171 de 12 de janeiro de 1890**. Conserva o Hymno Nacional e adota o da Proclamação da República. Coleção de Leis do Brasil - 1890, v. 1., p. 148.

BRASIL. **Decreto n. 4559 de 21 de agosto de 1922**. Autoriza, o Poder Executivo a adquirir, pela importância de 5:000\$, no máximo, a propriedade plena e definitiva da letra do Hymno Nacional Brasileiro, escripta por Joaquim Osorio Duque Estrada, e tornal-a official. Diário Oficial da União- 1922, s. 1., p. 16507.

BRASIL. **Decreto n. 15.671 de 06 de setembro de 1922**. Declara official a letra do Hymno Nacional Brasileiro, escripta por Joaquim Osorio Duque Estrada. Diário Oficial da União- 1922, s. 1., p. 18331.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 4.545, de 31 de julho de 1942**. Dispõe sobre a forma e a apresentação dos símbolos nacionais, e dá outras providências.. Diário Oficial da União- 1942, s. 1., p. 12155.

BRASIL. **Lei n. 259, de 1º de outubro de 1936**. Torna obrigatória, em todo o paiz, nos estabelecimentos de ensino na e associações de fins educativos, o canto do Hymno Nacional. Diário Oficial da União- 1936, s. 1., p. 21852.

BRASIL. **Lei n. 5700 de 1º de setembro de 1971**. Dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais, e dá outras providências. Diário Oficial da União - 1971, p. 1.

BRASIL. **Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da União - 1988, p. 3.

BRASIL. Ministério da Educação. Prestigiado nesta data, Hino Nacional é ensinado na escola. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/39011-prestigiado-nesta-data-hino-nacional-e-ensinado-na-escola> >. Acesso em: 30 abr. 2023.

CAMPBELL, Heather. *In*: BRITANNICA, Os Editores da Enciclopédia. "Deutschlandlied". Enciclopédia Britânica , 3 de maio. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Deutschlandlied>. Acessado em 23 de maio de 2023.

CANTO, Allan. **National Anthems of the World**. Taylor & Francis, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTAGNA, Paulo. **Apostilas do curso de História da Música Brasileira IA/UNESP**. São Paulo, 2003. 15 v.

CERNICCHIARO, Vincenzo. **Storia della Musica nel Brasile, dai tempi coloniali sino ai nostri giorni** (1549-1925). Milano: Fratelli Riccioni, 1926.

COSTA NETTO, José Carlos. **Direito Autoral no Brasil**. São Paulo: FTD. 1998.

DANTAS-BARRETO, Saulo. Violinos imperiais: luteria brasileira no século XIX. 2020. 1 recurso online (143 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640821>. Acesso em: 7 dez. 2023.

DEUTSCHLANDLIED. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Deutschlandlied&oldid=62032690>. Acesso em: 12 set. 2021.

DIEHL, Astor Antônio. **Do método histórico**. Passo fundo: Ediupf, 1997. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/antes-da-versao-atual-letra-do-hino-nacional-bajulava-pedro-i> Acesso em: 20 set. 2020.

GOD SAVE THE KING. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=God\\_Save\\_the\\_King&oldid=64715999](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=God_Save_the_King&oldid=64715999)>. Acesso em: 11 fev. 2023.

GRAHAM, Richard. Constructing a nation in nineteenth century Brazil: old and new views on class, culture, and the state. **The Journal of the Historical Society**, v. 1, n. 2-3, p. 17-66, 2002.

GRANGEIA, Fabiana de Araujo Guerra. **A crítica de artes em Oscar Guanabario**: artes plasticas no seculo XIX. 2005. 231 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/3349>. Acesso em: 7 dez. 2023.

HAGEMEYER, Rafael Rosa . Levando ao longe o canto da pátria: gravações em disco e difusões no rádio do hino nacional (1900-1945). **Fênix** (UFU. Online) , v. 8, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/2s4b8xsn>. Acesso em: Acesso em: 8 jul. 2023.

HET WILHELMUS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Het\\_Wilhelmus&oldid=64281105](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Het_Wilhelmus&oldid=64281105)>. Acesso em: 20 fev. 2023.

HISTÓRIA DO HINO NACIONAL. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/historia-do-hino-nacional/>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

HORST-WESSEL-LIED. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Horst-Wessel-Lied&oldid=65165250>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

HUERGO, Itacy Danielle da Silva. **Hino Nacional Brasileiro**: minhas memórias. São Paulo, 02 out. 2014. Disponível em: <https://gataborralheira34.wordpress.com/2014/10/02/hino-nacional-brasileiro/>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

JOHN BULL (COMPOSITOR). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=John\\_Bull\\_\(compositor\)&oldid=66102966](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=John_Bull_(compositor)&oldid=66102966)>. Acesso em: 03 dez. 2023.

JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9\\_Maur%C3%ADcio\\_Nunes\\_Garcia&oldid=66848158](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9_Maur%C3%ADcio_Nunes_Garcia&oldid=66848158)>. Acesso em: 25 out. 2023.

KIEFER, Bruno. **História da música brasileira**: dos primórdios ao início do séc. XX. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.

LEPAGE, Jean-Denis. Stormtroopers de Hitler: The SA, The Nazis' Brownshirts, 1922–1945 . Livros da linha de frente. pp. 57–58. Frontline Books, 2016.

LESSA, Renato. **A invenção republicana**: Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira. Rio de Janeiro: Topbooks, 2015, p. 73.

LIRA, Mariza. **História do Hino Nacional Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1954.

LOPES, A. L. Qual foi o primeiro país a ter um hino? **Super Interessante, Mundo Estranho**, abr. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-primeiro-pais-a-ter-um-hino/>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARCINOWSKI, Tim. **The Politics of National Anthems** - Livro de que inclui uma análise do Wilhelms: Disponível em: <https://www.routledge.com/The-Politics-of-National-Anthems/Marcinowski/p/book/9780367506587>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MARCONDES, Marcos (ed.). **Enciclopédia da música brasileira**: popular, erudita e folclórica. 3. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 639 ("PORTUGAL, Simão Vitorino"), p. 730–713 ("SILVA, Francisco Manuel da").

MARIZ, Vasco. **A música clássica brasileira**. São Paulo: Andrea Jakobsson Estúdio, 2002.

MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MAVIGNIER, Diderot. Ovídio Saraiva, Luiza Sawaya e o Hino Nacional. *In*: Portal Costanorte (2017). Disponível em: <https://portalcostanorte.com/ovidio-saraiva-luiza-sawaya-e-o-hino-nacional/> - Acesso em 20 set. 2021.

MELO, Guilherme Teodoro Pereira de. **A música no Brasil** - desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

MONTEIRO, Maurício. **A construção do gosto**: Música e sociedade na corte do Rio de Janeiro (1808-1821). São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

NMAH – NATIONAL MUSEUM OF AMERICAN HISTORY – The Star Splanged Banner. Disponível em: <https://amhistory.si.edu/starsplangedbanner/the-war-of-1812.aspx>. Acesso em: 22 maio 2023.

NETSCHER, Pieter Marinus. **Os holandeses no Brasil**: notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII. [Tradução de Mário Sette]. São Paulo, Brasil: Companhia Editora Nacional, 1942.



OKIDO, J. V. N.; PRINCE, A. E. ANÁLISE DO HINO NACIONAL BRASILEIRO - Um importante recurso para compreensão da Independência do Brasil. **Revista Univap**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 690, 2017. DOI: 10.18066/revistaunivap.v22i40.1414. Disponível em: <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/1414>. Acesso em: 20 maio 2022.

PACHECO, Alberto. Notas introdutórias ao Hino da Independência do Brasil (ms. IHGB), de D. Pedro I. **Revista brasileira de música**, Programa De Pós-Graduação Em Música - Escola De Música Da UFRJ. Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 387-393, Jul./Dez. 2013 Disponível em: <https://tinyurl.com/2zdd4kru> Acesso em: 2 set. 2023.

PEREIRA, Aldo. **O Hino Nacional brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Grifo, 1995.

PEREIRA, Avelino Romero Simões. **A Música e a República: O Hino Nacional Brasileiro. História e Historiografia**. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA. 21., 1991, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: ANPUH, 1991.

PEREIRA, Avelino Romero Simões. Hino Nacional Brasileiro: que história é esta? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 38, p. 21-42, julho 1995. ISSN 2316-901X. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/71352> >. Acesso em: 2 jul. 2018.

PEREIRA, Levy. "(Netscher, 1853)". In: **BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa**. Disponível em: [http://lhs.unb.br/atlas/\(Netscher,\\_1853\)](http://lhs.unb.br/atlas/(Netscher,_1853)). Acesso em: 22 maio 2023.

PORTAL DAS MISSÕES. **Como era a letra da introdução do Hino Nacional Brasileiro**. Santo Ângelo, 2019. Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/noticias/view/id/2891/como-era-a-letra-de-introducao-do-hino-nacional-br.html>. Acesso em: 10 jun. 2023.

POUBEL, Mayra. **Hino Nacional Brasileiro** [s.d.]. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/brasil/hino-nacional-brasileiro/>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ROCHA, Eduardo. **A Internacional: 150 anos da letra e melodia que lutam e encantam**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2021. Disponível em: <https://www.fundacaoastrojildo.org.br/150-anos-da-letra-da-internacional/#>. Acesso em: 23 set. 2022.

ROCHA, João Freire. Francisco Manoel da Silva. Academia Brasileira de Música, 2014. Disponível em: <https://www.academiabrasileirademusica.com.br/artigos.php?id=59> . Acesso em: 3 maio 2023.

SCHOLES, Percy A. God Save the King. *In: The Oxford Companion to Music*, Tenth Edition. [S.l.]: Oxford University Press

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Daniel Neves. "Proclamação da República"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/proclamacaodarepublica.htm>. Acesso em: 04 maio 2023.

SILVA, Luísa Alcantara. No centenário do hino nacional, mostra resgata história do autor da letra. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 2008. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2212200816.htm>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SIMÕES, S. S. Quando o passado legitima o presente: a música no III Reich. **Revista Thema**, Pelotas, v. 7, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/23>. Acesso em: 5 abr. 2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da música brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Os 100 anos do Hino Nacional Brasileiro"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil2/os-100-anos-hino-nacional-brasileiro.htm>. Acesso em: 23 set. 2020.

WESTIN, Ricardo. “**Antes da versão atual, letra do Hino Nacional bajulava Pedro II**”. Arquivo S: Agência Senado, 2017.

## LINKS ACESSADOS

Link: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/hinonacionaldobrasil.htm>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Link: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/manuscrito-do-hino-nacional-escrito-em-1909-esta-na-abl-no-rio.html> - Acesso em 17 jan. 2021.

Link: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/303-conservatorio-de-> Acesso em: 21 mar. 2021.

Link: <https://www.visse.com.br/versao-do-hino-nacional-composta-por-machado-de-assis-e-encontrada-na-biblioteca-publica-de-sc/> - Acesso em: 15 abr. 2021.

Link: <https://youtu.be/IErY66TkR8Q>. Acesso em: 18 abr. 2021.

Link: <https://www.academia.org.br/academicos/medeiros-e-albuquerque/biografia> – Acesso em: 2 jun. 2022.

Link: <https://www.academia.org.br/academicos/osorio-duque-estrada/biografia>. Acesso em: 17 ago. 2022.

Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9\\_Zapata\\_y\\_Amat&oldid=52504720](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9_Zapata_y_Amat&oldid=52504720) - Acesso em: 10 out. 2022

Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coelho\\_Neto&oldid=66658140](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coelho_Neto&oldid=66658140). Acesso em: 17 jan. 2023.

Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coelho\\_Neto&oldid=66658140](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coelho_Neto&oldid=66658140). Acesso em: 17 jan. 2023.

Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme\\_I,\\_Pr%C3%ADncipe\\_de\\_Orange](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme_I,_Pr%C3%ADncipe_de_Orange) - Acesso em: 18 fev. 2023.

Link: <https://www.britannica.com/topic/Wilhelmus-van-Nassouwe> - Acesso em: 20 fev. 2023.

Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_Maur%C3%ADcia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Maur%C3%ADcia) - Acesso em: 15 mar. 2023.

Link: <https://www.frasersridgebr.com.br/2021/09/batalha-de-prestonpans-21-de-setembro.html>. Acesso em: 3 abr. 2023.

Link: <https://www.fundacaoastrojildo.org.br/150-anos-da-letra-da-internacional/> - Acesso em: 10 abr. 2023.

Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Especial:Citar&page=Capela\\_Real\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro&id=66506393&wpFormIdentifier=titleform](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Especial:Citar&page=Capela_Real_do_Rio_de_Janeiro&id=66506393&wpFormIdentifier=titleform) - Acesso em: 15 abr. 2023.

Link: <https://ensaiosnotas.com/2022/12/04/100-200-anos-do-hino-nacional/> - Acesso em: 20 maio 2023.

Link: <http://pt.instr.scorser.com/CC/Todos/Gioachino+Rossini/Il+barbiere+di+Siviglia.html>. Acesso em: 20 set. 2023.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=qcmOqcRUSZ0&t=737s> – Acesso em: 20 set. 2023.

Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Imperial\\_Ordem\\_da\\_Rosa&oldid=67002017](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Imperial_Ordem_da_Rosa&oldid=67002017)  
Acesso em: 22 nov. 2023

Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carlos\\_Gomes&oldid=67050026](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carlos_Gomes&oldid=67050026). Acesso em: 1 dez. 2023.

Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=John\\_Bull\\_\(compositor\)&oldid=66102966](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=John_Bull_(compositor)&oldid=66102966)  
Acesso em: 3 dez. 2023.

Link: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hino\\_Nacional\\_Brasileiro&oldid=67029096](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hino_Nacional_Brasileiro&oldid=67029096).  
Acesso em 06 dez. 2023.

Link: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10853/theodoro-braga>. Acesso em 06 dez. 2023.

Link: <https://musicabrazilis.org.br/partituras/marcos-portugal-missa-breve> - Acesso em 06 dez. 2023.